



## **Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico**

**Sandra Clara Chaves Batista**

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a  
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientado por  
**Professor Adjunto Vasco Alves**

Bragança  
2014



## **Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico**

**Sandra Clara Chaves Batista**

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

*Composto por duas partes, a primeira com uma abordagem teórica da música desde os povos primitivos até à música na sociedade e educação e a segunda sobre a prática realizada nos três ciclos do Ensino Básico, ligada à temática: A Importância da Música no processo ensino-aprendizagem, sua aplicação e seus benefícios no desenvolvimento da criança.*

Orientado por  
**Professor Adjunto Vasco Alves**

Bragança  
2014

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais*

*Ao meu filho*

*Ao meu irmão*

## AGRADECIMENTOS

*Aos meus Pais* – os verdadeiros obreiros desta caminhada. Os seus ensinamentos na hora exata, a sua nobreza de alma, a sua disponibilidade constante e incondicional, a sua capacidade de trabalho, de discernimento e de entendimento impulsionaram toda a minha carreira profissional e toda a minha vida enquanto pessoa com princípios e valores;

*Ao meu filho* – a quem tantas vezes deixei de dar a atenção devida para poder entregar-me a tarefas de completo envolvimento. Obrigada pela compreensão!

*Aos meus amigos* – *Mela, Ângela, Vanessa e Rui*, colegas de Mestrado, e a muitos outros a quem devo, também, uma homenagem muita sentida pelo apoio que prestaram em todo este percurso alertando-me para tantas coisas belas que, decerto, teriam passado despercebidas, não fosse a sua presença benfazeja. Pelos momentos proporcionados de alegria e boa disposição, obrigada!

*Aos meus alunos* – a todas as crianças e adolescentes com quem, ao longo dos tempos, tive a dita de conviver e aprender esta arte inacabada de ser professora e cidadã de um mundo cada vez mais global;

*Aos meus professores* – de todos os tempos e de todas as idades, com quem aprendi que ensinar só se aprende, aprendendo;

*Aos meus professores da Licenciatura em Professores do Ensino Básico, variante de Educação Musical e do Mestrado em Ensino da Música no Ensino básico* – a todos pelo acolhimento, pela compreensão e disponibilidade, pelo esforço, pelos ensinamentos, deixo uma palavra de gratidão;

*Aos meus colegas de grupo e de estudo* – sem os quais esta caminhada não só não teria sido possível como, muito mais, não teria sido o gozo, o prazer, a alegria de ser o que foi.

Um agradecimento especial aos dois professores orientadores, pelo apoio e incentivo, cuja experiência e o seu espólio cultural contribuíram para o meu enriquecimento científico e humano.

À *Professora Isabel de Castro* – pela força e determinação que me transmitiu, pelo seu incansável apoio e orientação, durante o período de tempo que lhe foi possível estar presente, também a ela o meu muito obrigada com votos de sucesso na sua carreira profissional e muitas felicidades.

Ao *professor Vasco Alves* – pela sua disponibilidade, paciência e calma, e que numa atitude simplista, pragmática e objetiva, me ajudou a concluir este trabalho com alguma serenidade e confiança.

Por fim um agradecimento muito especial à minha colega e amiga Professora Amélia Rua, que em momentos menos bons e de fraqueza, nunca me deixou desistir. Foi sem dúvida o motor desta minha etapa, revelando sempre uma atitude de força e motivação com um companheirismo exemplar. Faço questão de a tratar aqui de forma direta e pessoal:

Tu que me apoiaste incondicionalmente!

Tu que nunca me deixaste desmoronar!

Tu que sempre me incentivaste!

Tu que te preocupaste tanto como eu!

Tu que me “chateavas” ao telefone: *Sandra tens trabalhado?*

Palavras que me davam força para continuar, mais e melhor.

Por tudo isto e muito mais, o meu profundo e sentido obrigado.

Um bem-haja, a todos!

## RESUMO

O presente documento consiste no relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação de Bragança, nomeadamente o estágio profissional realizado no 1º Ciclo no Ensino Básico, a experiência curricular no 2º Ciclo do Ensino Básico e a experiência profissional no 3º Ciclo do Ensino Básico.

Este relatório refere aspetos relacionados com a caracterização do contexto educativo de estágio e, através de um exercício de reflexão sobre a natureza e função da disciplina de Educação Musical, baseada na análise das orientações curriculares e na revisão da literatura dos principais contributos pedagógicos, como *Dalcroze*, *Carl Orff*, *Kodály*, *Gordon*, entre outros, que dão suporte à prática educativa no ensino da Educação Musical, procurei desenvolver uma prática empírica de ensino supervisionada adequada. Baseado na metodologia de investigação-ação, este trabalho teve como objetivo observar, analisar e refletir sobre o desempenho dos alunos, bem como o seu envolvimento e motivação perante as atividades propostas, onde o objetivo é demonstrar que o ensino da Educação Musical pode ser um instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem e contribuir assim para o sucesso escolar do aluno.

**Palavras-chave:** Educação Musical; Ensino-Aprendizagem; Motivação; Articulação; Interdisciplinaridade.

## **ABSTRACT**

This document consists of Supervised Teaching Practice report carried out under the Master in Music Education Teaching in Primary Education, held at the School of Education of Bragança, and in particular professional research at the 1st cycle in basic education, curriculum experience 2nd cycle of basic education and professional experience in the 3rd cycle of basic education.

This report covers aspects related to the characterization stage of the educational context and, through an exercise of reflection on the nature and function of Musical Education, based on the analysis of curriculum orientation and review of the literature on the main pedagogical contributions, as Dalcroze , Carll Orff, Kodály, Gordon, among others, that support educational practice in the teaching of music education, tried to develop an empirical practice properly supervised teaching.

Based on the research-action methodology, this study aimed to observe, analyze and reflect on the performance of students as well as their involvement and motivation before the proposed activities, where the goal is to demonstrate that the teaching of music education can be a instrument to facilitate the teaching-learning process and thus contribute to the academic success of the student.

**Keywords:** Music Education; Teaching-learning; motivation; Articulation; interdisciplinary.

## ÍNDICE

Lista de Abreviaturas, Siglas e Símbolos.....	x
Lista de Ilustrações .....	xi
Lista de Apêndices.....	xii
Lista de Anexos .....	xiii
Introdução.....	1
I. Enquadramento Teórico.....	3
I.1. A Música nos Primórdios .....	4
I.2. A Música na Antiga Grécia .....	5
I.3. Políticas Educativas em Portugal.....	9
I.3.1 Antes de 1986.....	9
I.3.2. Depois de 1986.....	13
I.3.3. A Música no Ensino Básico .....	15
I.4. A Música na Sociedade .....	20
I.4.1. A Música na Aquisição do Conhecimento .....	21
I.4.2. A Música Enquanto Estratégia de Aprendizagem.....	22
I.4.3 A Música e a Interdisciplinaridade.....	24
II. Metodologia .....	26
III. Experiências de ensino-aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico .....	29
III.1. Contexto .....	31
A Escola.....	32
A Sala de Aula .....	33
A Turma.....	34
III.2. Enquadramento da Prática Desenvolvida .....	34
III.3. Descrição das Experiências de Ensino-Aprendizagem.....	35
III.4. Resultados obtidos em Contexto de 1º Ciclo .....	39
IV. Experiência curricular no 2º ciclo do Ensino Básico.....	41
IV.1. Contexto.....	42
A Escola.....	44
A Sala de Aula .....	45
A Turma.....	46
IV.2. Enquadramento da Prática Desenvolvida .....	47
IV.3. Experiências Letivas.....	48
V. Experiência profissional no 3º ciclo do Ensino Básico.....	54
V.1. Contexto .....	55
A Escola.....	57

A Sala de Aula .....	58
A Turma.....	59
V.2. Enquadramento da Prática Desenvolvida.....	61
V.3. Experiências Letivas .....	62
Conclusão .....	70
Referências bibliográficas .....	72
Apêndices .....	76
Anexos.....	92

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS**

**AEC** – Atividades de Enriquecimento Curricular

**EB** – Ensino Básico

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**CNEB** – Currículo Nacional do Ensino Básico

**ME** – Ministério da Educação

**IA** – Investigação-ação

**LBSE** – Lei de Bases do Sistema Educativo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Organizadores e domínios da Música no Ensino Básico, p.15
- Figura 2** – Mapa da localização da cidade de Chaves, p.32
- Figura 3** – EB1 nº3 do Caneiro, p.33
- Figura 4** – Mapa de localização da EB1 nº3 do Caneiro, p.33
- Figura 5** – Planta da sala de aula, p.34
- Figura 6** – Castelo de Bragança, p.43
- Figura 7** – Mapa de localização da EB 2,3 Paulo Quintela, p.44
- Figura 8** – EB 2,3 Paulo Quintela, p.45
- Figura 9** – Planta da sala de aula, p.47
- Figura 10** – Mapa do concelho de Montalegre, p.56
- Figura 11** – Foto da Escola Dr. Bento da Cruz- Montalegre, p.58
- Figura 12** – Planta da sala de aula, p.60

## LISTA DE APÊNDICES

- Apêndice 1** – Planificações de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico, p.78
- Apêndice 2** – Planificações de aula do 5º ano de escolaridade, p.81
- Apêndice 3** – Acetatos sobre a Idade Média, p.84
- Apêndice 4** – Os sons Dó grave e Ré grave na pauta e na flauta, p.87
- Apêndice 5** – Partitura da canção “Como faz o Carpinteiro”, p.89
- Apêndice 6** – Representação gráfica dos conteúdos Melodia e Harmonia, p.90
- Apêndice 7** – Partitura da canção “Ouvi um Segredo”, p.91
- Apêndice 8** – Planificação anual do 8º ano de escolaridade, p.92

## LISTA DE ANEXOS

- Anexo 1** – Letra da canção “O Teu Corpo é Música”, p.94
- Anexo 2** – Partitura da canção “A Primavera”, p.95
- Anexo 3** – Partitura da canção “Pois tu és o capitão”, p.96
- Anexo 4** – Partitura da canção “Ser Criança”, p.97
- Anexo 5** – Planificação anual de 5º ano, p.98
- Anexo 6** – Partitura da canção “O Homem do Leme”, p.99
- Anexo 7** – Partitura da canção “Jimba Papalusjka”, p.100
- Anexo 8** – Partitura da canção “Cidade Maravilhosa”, p.101
- Anexo 9** – Partitura da canção “Que Siga la Fiesta”, p.102
- Anexo 10** – Partitura da canção “Country Roads”, p.103
- Anexo 11** – Partitura da canção “The Scientist”, p.104

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é o relato das minhas experiências de ensino-aprendizagem realizadas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico pela Escola Superior de Educação de Bragança.

De acordo com a alínea *b*), do ponto 4., das Normas Regulamentares dos Mestrados em vigor no Instituto Politécnico de Bragança (IPB), “O ciclo de estudos conducente ao grau de mestre integra . . . um estágio de natureza profissional objeto de relatório final” (2013, p. 7). É neste propósito que se insere o presente trabalho. Trata-se de um Relatório Final que, segundo o ponto 2 do artigo 8.º, do Regulamento da Prática Supervisionada dos cursos de mestrado lecionados no IPB que conferem habilitação profissional para a docência na Educação Pré-Escolar e no Ensino Básico, “deve apresentar, de forma contextualizada experiências de ensino-aprendizagem realizadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, abrangendo os vários níveis de educação ou ciclos de ensino e disciplinas do domínio da habilitação, e reflexão crítica sobre as mesmas” (2012, p. 4).

Aqui apresento uma abordagem à importância da música na vida do ser humano, desde os povos primitivos, a música na Antiga Grécia, as Políticas Educativas em Portugal, até ao papel da música na sociedade e a sua importância na aquisição do conhecimento global do aluno. Procuo também, abordar conceitos que direta ou indiretamente estão ligados à importância da música enquanto estratégia de aprendizagem na aquisição do conhecimento nas diferentes áreas disciplinares.

Procedi a uma revisão da literatura de modo a poder estabelecer uma predisposição teórica relevante e adequada à descrição da minha intervenção. Esta revisão assentou não só em aspetos científicos ligados à temática – A Importância da Música no processo ensino-aprendizagem, sua aplicação e seus benefícios no desenvolvimento da criança - mas também em aspetos relacionados com a legislação nacional, no que concerne ao desenvolvimento curricular da Educação Musical no sistema do Ensino Português.

No segundo capítulo faço uma breve referência aos principais aspectos da metodologia de Investigação-ação, ainda que adequada à realização das Experiências de Ensino-Aprendizagem aqui relatadas. Assim, as minhas intervenções pedagógicas desenrolaram-se num processo em espiral, com o intuito de poder contribuir para o aperfeiçoamento das práticas educativas, sendo que este processo – espiral, visa as seguintes fases de desenvolvimento: observação; planificação; ação e reflexão.

Nos, terceiro, quarto e quinto capítulos, apresento a caracterização do meio envolvente às escolas onde realizei as minhas práticas de ensino, bem como a descrição das escolas e das salas de aula. Posteriormente, apresento a descrição das experiências de ensino-aprendizagem realizadas em cada um dos ciclos do Ensino Básico, sendo que no 2º ciclo são relatadas as experiências curriculares que realizei do decorrer do estágio efetuado durante a minha Licenciatura em Professores do Ensino Básico, Variante Educação Musical, e no 3º ciclo faço a descrição, um pouco mais abrangente, da minha experiência profissional neste ciclo de ensino, no decorrer do ano letivo 2007/2008.

Por último faço a conclusão na qual afirmo genericamente a pertinência da elaboração deste relatório, como uma resenha de tudo o que foi construído e vivido ao longo desta Prática Pedagógica e da minha Experiência Profissional no Ensino Básico, onde procuro aferir a importância da música no processo ensino-aprendizagem, sua aplicação e seus benefícios no desenvolvimento da criança.

## **I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## I.1. A Música nos Primórdios

*A origem da música perde-se,  
como dizem os historiadores, na noite dos tempos.*  
(Domingos Alaleona, 1984, p.38)

Segundo Alaleona (1984) não há povo antigo no qual não se encontrem manifestações musicais. Realmente, não existe linguagem mais instintiva, mais espontânea do que a música. Segundo o mesmo autor, à época do homem primitivo, a linguagem musical, na sua forma mais rudimentar, precedeu a linguagem propriamente dita; e nada há de estranho nessa tendência do homem para a música, porque esta arte não é uma invenção arbitrária e artificiosa, mas foi sugerida ao homem pela própria natureza: o homem não fez mais do que apropriar-se, para fins expressivos e artísticos, de elementos que se encontravam já em ato no mundo que o circunda e no seu próprio organismo. Tudo, na natureza, se realiza em ritmo. A título de exemplo, desde os batimentos cardíacos, passando pela respiração, até aos mais variados movimentos do corpo, parece estar implícita uma determinada pulsação rítmica. Também se crê que no desenvolvimento primordial da música tenha influído a necessidade do homem de acompanhar cantando os seus próprios passos ou movimentos de trabalho.

Todos os que possuem um elevado senso humano podem chegar a estas noções sobre as origens e natureza primordial da música sem precisar de recorrer a outro livro que não seja o íntimo da sua própria alma (Cardoso, 2010, p. 75). É oportuno dizer agora algumas palavras sobre o que pensavam os povos antigos quanto às origens da música.

Uma vez não ser objetivo do meu trabalho fazer aqui uma abordagem extensa relativamente à música na antiguidade, optei por falar um pouco sobre a música na Antiga Grécia, não por razão alguma, nem tão pouco por descorar a história musical de outros povos, mas sim por opção para não tornar o assunto muito extenso. Decerto muito haveria a dizer sobre a música na Antiguidade. A música existe e sempre existiu como produção cultural. Ela possui a capacidade de traduzir os sentimentos, atitudes e

valores culturais de um povo. Considero então de seguida alguns aspetos da Antiguidade Clássica, nomeadamente a música na Antiga Grécia.

## I.2. A Música na Antiga Grécia

Para o povo Helénico, a música era considerada elemento integrante da vida e do pensamento, fator fundamental da educação do espírito e da formação do carácter. Era tido como um aspeto fulcral no ensino da juventude. Nas festas nacionais, os vencedores dos jogos eram exaltados ao som de coros grandiosos<sup>1</sup> dando-se então importantes competições musicais. A música não só era importante no seu quotidiano como estava também associada à crença mitológica do povo grego tal como refere Alaleona (1984):

Não é possível entender a música da Grécia sem conhecer os mitos, as lendas e o culto dos Deuses com ela relacionados. Uma visão sintetizada dessa relação é o que se pretende aqui apresentar. Entre eles são de destacar: Apolo, Dionísio, As nove musas e Orfeu (Alaleona, 1984, p. 32).

Apolo, filho predileto de Zeus, Deus da música e da poesia, da luz, da ordem e da verdade, é apresentado a tocar lira e concebido como o dirigente do coro das Musas, chamando-se por isso mesmo Apolo Musageta. Por sua vez, Dionísio, também filho de Zeus, é tido como o Deus das forças da natureza, da sensualidade, Deus do vinho, da dança e do teatro. Associado ao instrumento musical *aulo*, Dionísio é representado como o chefe das ninfas, uma das quais Marsyas, tocadora de aulos que, segundo a lenda, perdeu o concurso com Apolo.

A relação entre a razão e a emoção associada às figuras mitológicas pode melhor entender-se no texto que se segue:

APOLO – A sábia razão. DIONÍSIO – A louca emoção. Poderá fazer-se assim uma analogia entre Apolo e Dionísio, a razão e a loucura. Poderá existir a razão sem a sua

---

<sup>1</sup> Píndaro e Baquílides figuram entre os mais célebres autores de odes para tais circunstâncias.

antítese, a loucura? Que semelhança pode haver entre as nossas preocupações contemporâneas de estabelecer uma fronteira entre são e insano, normal e louco, racional e irracional, e as narrativas mitológicas gregas do século VI a.C.? (Alaleona, 1984)

As questões que preocupavam os antigos gregos parecem ser transversais aos dias de hoje e, à sua maneira, procuravam dar respostas que norteavam a visão e os valores herdados por nós. Assim, como é que a cultura grega nos poderá ajudar a compreender a origem do nosso pensamento sobre as relações entre a racionalidade e a loucura?

Esta relação tanto pode ser entendida de forma complementar como de forma antagónica. Por um lado, Apolo é tido como Deus dos sonhos, do objetivo e do planeamento, por outro, Dionísio era o Deus das incertezas quotidianas, do que é finito, da própria mortalidade da existência humana. Ambos eram protótipos originais de todas as formas de arte, apresentando manifestações distintas da mesma divindade. A polaridade Apolo-Dionísio foi portanto associada às polaridades entre a ordem e a desordem universal, entre a razão organizadora e a loucura desregrada, entre o equilíbrio do pensamento e a instabilidade das emoções. A oposição entre Apolo e Dionísio consiste na dicotomia fundadora da compreensão moderna da psicologia humana, que ora é regida pelos impulsos racionais, ora pelos impulsos sexuais, tal como refere a seguinte transcrição:

Tão opostas são estas duas realidades quanto complementares. Levados às últimas consequências, cada uma dessas dimensões da psicologia humana tende a se implodir. Unidos, porém, Apolo e Dionísio explodem num forte impacto inicial, um misto de estranheza e curiosidade um pelo outro, para então se fundirem e encontrarem o equilíbrio necessário à continuidade da existência. (Grout & Palisca, 2001, p.17)

É importante também refletir acerca do valor que a música assume nos pensamentos filosóficos de Platão e Aristóteles. Para os antigos gregos a música funcionava como uma língua, capaz de expressar todo o tipo de pensamentos e sentimentos. Por isso, não surpreende o facto de alguns filósofos dedicarem boa parte de suas obras a reflexões sobre o papel da música na sociedade e na formação da alma humana. A princípio para Platão, a música era um dom divino. Não era a técnica ou a ciência que tornava o ser humano capaz de cantar.

Essas ideias são um ponto de partida para que possamos entender a atitude de Platão em relação à música. Ela foi dada aos seres humanos para que tivessem contacto com a harmonia, cujos movimentos são semelhantes às revoluções da alma e que também é um presente das Musas para os homens. O ritmo também foi dado pelas Musas para que a humanidade pudesse combater a falta de harmonia que se instalou dentro dos homens que não têm graça nem medida. Platão tinha como base de compreensão da sua música, uma concepção mágica e irracional do fenómeno musical. Porém, essa visão, que poderíamos chamar religiosa, leva-nos a uma via racional de análise. Desse modo, percebemos que a música, além de ser algo divino e de aproximar os seus apreciadores da divindade, também aproxima os seus ouvintes e praticantes da filosofia. Platão não estava interessado no aspeto prático da música (Grout & Palisca, 2001).

A arte dos sons e das palavras era importante para ele porque possibilitava a perceção da analogia que existe, de acordo com o que ele pensava, entre a harmonia da alma humana e a harmonia do mundo. Ele acreditava que a música tem o poder de influenciar a formação da alma de uma pessoa. Segundo Platão, os jovens deveriam ser educados com uma poesia e uma música cuidadosamente escolhidas para torna-los corajosos, virtuosos e racionais (Barker, 1984).

Também Aristóteles deu contribuições importantes para a musicologia grega. Ele realizou análises importantes de vários termos usados na descrição da música. Após variadíssimas pesquisas, Aristóteles adquiriu um pensamento amplo e eclético em relação à música. Ele interessa-se pela música, primeiro porque ela tem funções recreativas e catárticas, que considera de grande importância. Tal como Platão, Aristóteles também considera que a música é a parte principal da *paideia*. Contudo, ele elabora uma teoria mais próxima à realidade, mais pragmática. Ele começa por dizer que não é fácil determinar qual é o papel da música e porque é importante dedicar-se a ela. Para ele, a música ou é um passatempo ou um modo de relaxamento comparável ao sono e à bebida, pois tanto estes quanto aquele não são coisas sérias, mas são agradáveis e acabam com as preocupações. Aristóteles afirma que o entretenimento não deve ser o objetivo da educação dos jovens, porque a aprendizagem requer esforço e não se pode aprender com entretenimentos (Grout & Palisca, 2001).

Porque é que uma criança não poderia aprender simplesmente ouvindo a música executada por especialistas no tema? E quanto ao poder da música de melhorar o carácter

das crianças? Elas deveriam aprender a executar a música ou deveriam somente aprender a apreciá-la e julgá-la quando tocada por outros? Aristóteles deparou-se com várias questões às quais não deu uma resposta imediata. De qualquer forma ele apresenta uma opinião negativa em relação aos músicos profissionais, que podem ser chamados vulgares. Para ele, a execução musical não é digna de um homem livre, a não ser que ele esteja bêbado ou se queira divertir. Aristóteles rejeita a profissionalização na educação musical e na prática instrumental. Ele considera a participação em competições algo vulgar, porque essa atividade profissional não leva a um aperfeiçoamento do praticante, mas visa ao prazer dos ouvintes, e esse prazer é de baixo nível. Por isso, a prática instrumental profissional não é adequada à condição do homem livre: os instrumentistas tornam-se vulgares e piores porque a plateia é vulgar e, em geral, influencia a música com a sua vulgaridade (Gentili, 1988).

Então Aristóteles retoma a sua linha de raciocínio: a música deve ter um lugar na educação? Se deve, ela será mais eficaz na educação, na diversão ou no entretenimento? Ela pertence e participa nos três campos. A diversão tem por objetivo o relaxamento, e este deve ser agradável. O entretenimento deve ser elevado e também agradável. A música, por sua vez, é uma das coisas mais agradáveis que existem, seja instrumental, seja acompanhada pelo canto. Ela é útil em certas ocasiões, porque é relaxante e prazerosa. Por isso, deve ser incluída na educação dos jovens (Barker, 1984).

Tal como anteriormente referido sobre a mitologia grega, já existia nesta época uma grande preocupação relativamente às várias questões relacionadas com a importância da música em quaisquer vertentes da vida humana. Para este povo, a música funcionava como uma língua, capaz de expressar todo o tipo de pensamentos e sentimentos. Sendo esta de caráter prazeroso e relaxante, deveria ser incluída na educação dos jovens no sentido de enriquecer e melhorar a sua aprendizagem.

Esta preocupação dos antigos gregos no que respeita à inclusão da música no ensino como sendo uma mais-valia na educação e na formação dos jovens, parece-me que veio sendo uma preocupação ao longo dos tempos, ainda que em Portugal fosse introduzida nas escolas desde as reformas de Passos Manuel.

### **I.3. Políticas Educativas em Portugal**

#### **I.3.1 Antes de 1986**

Desde as reformas de Passos Manuel e Costa Cabral até 1968, a música nas escolas de ensino oficial esteve reduzida à disciplina de Canto Coral. A disciplina foi sujeita a alterações ao longo das várias reformas do ensino ao nível do currículo, programa e habilitações dos respetivos professores, mantendo, contudo, a incidência na atividade coral (Branco, 1995).

Até 1968 o Canto Coral foi apresentado como uma disciplina menor cujo objetivo principal parecia ser o de pugnar pelo sentimento patriótico e nacionalista ajudando ao necessário fortalecimento da coesão nacional. Revestia-se muitas vezes de um caráter lúdico ou moralizante em lugar subalterno às outras disciplinas consideradas de reforço intelectual. Não era considerada importante para a avaliação dos alunos, que a achavam “aborrecida” e as suas aulas “enfadonhas”, tal como refere (Costa, 1923):

Chamam-lhe indisciplinante, barulhento, maçador até para os próprios contínuos...Como querem que o Canto Coral seja tomado a sério pela mocidade já iniciada na cultura geral que V.Ex.as possuem se o ensino tem sido grotesco e a nota desta cadeira não tem nenhum valor no curso do estudante?! (p.34)

Durante décadas foi fundamentalmente dos Conservatórios de Música e das Escolas de Música particulares e oficializadas que saíram os contingentes de professores de Música/Educação Musical. Estes professores não possuíam formação pedagógica e a preparação científica era por vezes deficitária, uma vez que era normalmente vocacionada para a performance vocal ou instrumental. Esta ausência de “grau académico” para o professor de música tornava-o vulnerável em relação aos demais, conferindo-lhe um estatuto pouco elevado na “escala de valores” não só da escola como de toda a comunidade envolvente. No entanto, só ingressavam numa carreira do ensino depois de fazer a formação em serviço que lhes conferia habilitação profissional. Esta formação profissional, vulgarmente designada por estágio, tinha a duração de um ou dois anos, conforme os diferentes modelos que foram vigorando (Costa, 1923).

O facto de o estágio de professores de música ter terminado em 1947 e, desde então, deixar de haver um programa para a disciplina, teve como consequência uma quebra de

motivação para os professores. Essa falta de motivação aliada à menoridade da disciplina, quer pelo facto da ausência de intenção, quer pela irrelevância no caráter avaliativo, ajudou a tornar esta disciplina incompreendida e quantas vezes por alunos e professores:

O Canto Coral também tem sempre, ou quase sempre a molesta antipatia dos conselhos escolares que eivados da cultura geral não podem perceber quanto ele tem de belo e possível, mas também quanto o seu ensino carece de seriedade para ser profícuo... (Costa, 1923, p.34)

O sistema educativo de então marcou profundamente a relação dos estudantes dessa época com a música e o absolutismo que caracterizava os conteúdos das canções que eram interpretadas e muitas vezes o duvidoso valor estético, bem como os “rótulos” de “desafinados” que alvejavam os estudantes, acabou por se traduzir num fraco desenvolvimento do canto em grupo nas gerações subsequentes (Hamilton Costa, s.d.). A primeira grande reforma de ensino da música nas escolas oficiais aconteceu em 1968, em consequência da reforma do ensino liceal e da criação do novo “Ciclo Preparatório do Ensino Secundário” (Decreto-Lei nº 47 480, 1967).

Em substituição ao Canto Coral surge a disciplina de Educação Musical incluída no plano de estudos do ciclo preparatório do ensino secundário (O Estatuto do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário foi publicado pelo (Decreto-Lei nº 48 572, 1968), com a duração de uma hora semanal.

Apesar de ainda ser considerada uma disciplina menor, a “nova” disciplina de Educação Musical possuía um programa regulamentado (Portaria nº 23 601, 1968) e passou a ser uma disciplina obrigatória no quinto e no sexto ano. Visava uma educação centrada nos conteúdos estritamente musicais em detrimento dos valores morais antecedentes que pretendiam inculcar sentimentos de amor a Deus, à Pátria e à Família.

Entretanto a Educação Musical era uma das poucas disciplinas lecionadas no ensino preparatório, cujos professores não possuíam um grau académico como habilitação docente. Deste modo o Ministério da Educação de então viu-se obrigado a admitir um grande número de professores sem habilitação quer própria quer suficiente para o ensino da Educação Musical para colmatar as necessidades do sistema. Era urgente, portanto, a formação de professores para enfrentarem as mudanças (Branco, 1995).

Em consequência das primeiras ideias sobre educação pela arte que começaram a surgir em Portugal em 1950 e das novas perspetivas de uma renovação pedagógica, foi criada uma Escola-Piloto, no Conservatório Nacional, em 1970, para a formação de professores. Foi estabelecida oficialmente como uma experiência pedagógica do Ministério da Educação, tendo sido nomeado Arquimedes Santos como responsável pelo estudo da sua viabilização pedagógica. Foram então anunciados os cursos de Professores do Ensino Artístico e Professores de Educação pela Arte (Branco, 1995).

Para iniciar a “nova” disciplina surgiram algumas propostas de metodologias de outros países da Europa, nomeadamente de Carl Orff e Edgar Willems. Realizaram-se em Portugal os primeiros cursos de pedagogia musical dirigidos pelo pedagogo Edgar Willems. Posteriormente, com a colaboração deste pedagogo musical, foram redigidos novos programas da componente musical para o ensino primário.

As ideias de Orff foram também amplamente divulgadas em Portugal por vários pedagogos, nomeadamente Maria de Lourdes Martins, Jos Wuytack, Pierre Van Hauwe, entre outros e os princípios da Orff-Schulwerk têm influenciado significativamente a prática da educação musical portuguesa<sup>2</sup> (Branco, 1995).

Através de cursos e conferências foram divulgadas as ideias e métodos de outros pedagogos como Jacques Dalcroze, Justine Ward, Zoltán Kodály, entre outros<sup>3</sup>.

É do conhecimento geral, nomeadamente dos professores de Educação Musical, que as escolas foram sendo equipadas com “Instrumental Orff” e começaram a surgir no mercado alguns manuais escolares para alunos e professores. Em 1970, a Direção de Serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário publicou a lista de livros para todas as disciplinas, por um período de cinco anos (Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica).

O programa de Educação Musical, tal como nas restantes disciplinas apresentava os objetivos da disciplina, o esquema programático, indicações didáticas e instrumentos

---

<sup>2</sup> A abordagem metodológica Orff foi introduzida em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian que organizou cursos para crianças e de formação de professores na sua sede desde 1961 a 1975. A referida fundação, organizou igualmente Cursos Internacionais de Verão em Lisboa e Braga desde 1964 a 1972. No ano 1965, Carl Orff foi convidado para assistir a uma demonstração de alunos de alguns professores diplomados pela Fundação e em Setúbal assistiu às aulas com crianças da professora Maria de Lourdes Martins.

<sup>3</sup> Os cursos, desenvolvidos por várias entidades, divulgadores de pedagogias musicais, constituíram a principal formação contínua dos professores de Educação Musical portugueses.

didáticos e previam-se duas horas semanais para a lecionação da disciplina (Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica).

Em 1973, surgiu então a Lei nº 5/73, de 25 de Julho (Lei de Bases do Sistema Educativo, 1973), que pretendia reformar todo o sistema educativo e onde se determinava que o ensino preparatório deveria ter a duração de quatro anos.

Para o ano letivo de 1973/74, o ministro Veiga Simão aprovou a criação do 4º ano de Ensino Preparatório, a ministrar em regime experimental, nas dezanove escolas onde já havido decorrido o 3º ano (Lei de Bases do Sistema Educativo, 1973).

Contudo, a revolução do 25 de Abril de 1974 veio pôr fim a estes novos programas no ano letivo de 1974/75, reduzindo para dois anos o ciclo preparatório como havia sido inicialmente previsto (Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica).

Entendeu-se então que a música devia ser devidamente trabalhada na Escola e esta devia proporcionar o aproveitamento da natureza criadora que existe em cada criança. Era, portanto, necessária uma rápida e fundamentada orientação artística e uma programação para todos os graus de ensino, chegando, sem receio, à universidade (Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica).

No ensino preparatório, a partir de 1974/75, a avaliação dos alunos passou a ser quantitativa. Contudo, a disciplina dispunha apenas de uma hora semanal<sup>4</sup>, panorama que só veio a ser alterado a partir de 1977/78 quando a disciplina passou a dispor de duas horas semanais (Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica).

No ensino secundário, só em 1974, o Canto Coral foi substituído pela disciplina de Música, para a qual foi elaborado um programa provisório<sup>5</sup>. A Música foi entretanto eliminada nos 7º e 8º anos de escolaridade (3º e 4º anos do ensino preparatório do ensino secundário) quando foi criado o curso geral unificado em 1975. A disciplina de Música permanecia assim como opção para os 9º, 10º e 11º anos, para os quais vieram a ser elaborados novos programas (Carvalho, 1996).

Na década de 80, a situação da disciplina de Educação Musical continuava particularmente desfavorável e existia uma enorme carência nas categorias de

---

<sup>4</sup> Programas para o ano letivo 1974/75 – Ensino Preparatório – Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica.

<sup>5</sup> No ano letivo de 1974/75 foram elaborados novos programas para todos os graus de ensino.

habilitação, quer académica, quer profissional, dos docentes de Educação Musical do ensino preparatório e dos docentes de Música no Ensino Secundário<sup>6</sup>.

Esta carência de formação inicial de professores para o ensino genérico e para o ensino vocacional veio a sentir-se, o que justificou a abertura dos cursos de licenciatura em Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa (Decreto nº 67/80, 1980) e licenciatura em Ensino da Música da Universidade de Aveiro (Portaria nº10/89, 1989) que confere qualificação profissional de professor de Música para todos os graus de ensino (Decreto nº 67/80, 1980).

A partir dos meados da década de oitenta, a formação dos professores do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico assim como dos educadores de infância passou a ser responsabilidade das ESE e dos CIFOP (Centros Integrados da Formação de Professores) das Universidades Novas. Os cursos englobam uma formação científica, ao nível das ciências da educação e uma prática pedagógica. Alguns dos futuros professores de Educação Musical seguem um currículo misto que inclui uma formação generalista e uma formação especializada em música (Decreto-Lei nº405/86).

### **I.3.2. Depois de 1986**

São fundamentalmente quatro, os diplomas que regulam e estabelecem os mecanismos de articulação para o ensino da música no Sistema Educativo Português: a Lei de bases do sistema Educativo (LBSE) e (Decreto-Lei nº 286/89, 1989), o (Decreto-Lei Nº 344/90, 1990) e o (Decreto-Lei nº 70/93, 1993). A LBSE, aprovada pela Assembleia da República em 1986 (Lei nº46/86, 1986), estabeleceu o quadro geral em que se organiza e estrutura o atual sistema de ensino e trouxe, como uma das alterações mais significativas, o alargamento do ensino básico e conseqüentemente da escolaridade obrigatória, de seis para nove anos. O atual sistema educativo compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extra-escolar.

Acrescente-se ainda que foi com esta Lei que, pela primeira vez na História da Educação Portuguesa, a Educação Artística foi incluída na organização curricular oficial, marcando de forma significativa o ensino artístico (Lei nº46/86, 1986). Na sequência da publicação da LBSE, iniciou-se o estudo de um conjunto de medidas que

---

<sup>6</sup> <http://www.xpressingmusic.com/34-entrevistas-com-graca-mota>, acedido em 5 de Fevereiro de 2014.

se vinham a traduzir, volvidos três anos, numa reforma do ensino básico e secundário, tendo sido o (Decreto-Lei nº 286/89, 1989) diploma que determinou a reforma curricular. Depois da publicação do decreto referenciado, assiste-se então à publicação de novos programas para todos os graus de ensino.

O Decreto-Lei nº344/90, de 1990, desenvolvendo os princípios contidos na LBSE, veio estabelecer as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar. Segundo o mesmo Decreto, a educação artística diz respeito às seguintes áreas: música, dança, teatro, cinema e audiovisual e artes plásticas.

Para além de educação artística genérica – a que se destina a todos os cidadãos, independentemente das suas aptidões ou talentos específicos, contribuindo para a educação geral de todos – a educação artística processa-se ainda de acordo com as seguintes vias: educação artística vocacional – ministrada em escolas especializadas, por professores especializados e destina-se a indivíduos com comprovadas aptidões – educação artística em modalidades especiais, onde se inclui o ensino especial, o ensino profissional, o ensino recorrente de adultos e o ensino a distância e a educação artística extra-escolar (Decreto-Lei nº344/90, 1990).

Tal como vem sendo dito no decorrer deste capítulo, a disciplina de Educação Musical não foi imune às mudanças aferidas no ensino em Portugal. Uma das mudanças mais significativas foi precisamente o aparecimento dos métodos ativos, que revolucionaram o trabalho diário do professor de música nomeadamente com a realização de cursos de pedagogia. Os métodos teóricos e intelectuais do ensino da música, utilizados até ao século XX, deram lugar à emergência de uma pedagogia centrada na criança, atendendo ao seu próprio desenvolvimento. Deste modo surgem os métodos de pedagogia ativa, que ao nível da educação musical giram em torno de duas âncoras: a primeira, de que a educação é baseada na atividade da criança; e a segunda, em que a educação musical deve ser acessível a todos (Morais, 1999). É nessa linha, também, que se desenha o programa de expressão musical do CNEB, como um sistema integrador na educação artística.

### I.3.3. A Música no Ensino Básico

É o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, que especifica o lugar da música no currículo e o seu desenvolvimento, bem como de outras disciplinas, tal como especifica o seguinte documento:

As competências específicas [da música] estão pensadas no sentido de providenciar práticas artísticas diferenciadas e adequadas aos diferentes contextos onde se exerce a acção educativa, de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical em nove grandes dimensões: (...) Domínio de práticas vocais e instrumentais diferenciadas; Composição, orquestração e improvisação em diferentes estilos e géneros musicais; (...) Conhecimento e valorização do património artístico-musical nacional e internacional. (Ministério da Educação, 2001a)

Ao nível das experiências de aprendizagem da música, durante o ensino básico, o aluno deverá experienciar diferentes tipos de instrumentos, culturas musicais, técnicas de criação musical, espetáculos diversificados, explorar as relações com outras artes ou áreas do conhecimento e desenvolver projectos de investigação (Ministério da Educação, 2001a):



Figura 1 – Organizadores e domínios da Música no Ensino Básico<sup>7</sup>

Tal como observamos na figura 1, as competências específicas da música distribuem-se por quatro organizadores, são eles: interpretação e comunicação, criação e experimentação, percepção sonora e musical e culturas musicais nos contextos; os quais, por sua vez deverão assentar nos três grandes domínios da prática musical –

<sup>7</sup> Fonte: Currículo Nacional do Ensino Básico, (ME-DEB, 2001a:170).

composição, audição e interpretação. No fundo, todos os conceitos e práticas desenvolvem competências, de acordo com os domínios e organizadores enunciados (Ministério da Educação, 2001a).

No âmbito de cada organizador, o CNEB apresenta as competências que o aluno deverá ter adquirido ao longo de todo o ensino básico e ainda o tipo de situações de aprendizagem a desenvolver no 1º, 2 e 3º ciclo.

Por exemplo, ao nível da interpretação e comunicação, o aluno, no final do ensino básico: “Canta sozinho e em grupo, com precisão técnico-artística, peças de diferentes géneros, estilos e tipologias musicais” (Ministério da Educação-DEB, 2001, p. 173).

Relativamente ao organizador da criação e experimentação, no final do ensino básico, o aluno: “Compõe, arranja e apresenta publicamente peças musicais com níveis de complexidade diferentes utilizando técnicas vocais e instrumentais e tecnologias diversificadas”, entre outros (Ministério da Educação, 2001a).

Em termos de percepção sonora e musical, por exemplo, o aluno, no final do ensino básico: “Descreve, auditivamente, estruturas e modos de organização sonora de diferentes géneros, estilos e culturas musicais através de vocabulário apropriado” (Ministério da Educação, 2001a).

Por último, no âmbito do organizador culturas musicais nos contextos, o aluno: “Compreende a música como construção social e como cultura em diferentes períodos históricos e contextos diversificados” (Ministério da Educação, 2001a).

A partir das competências centrais do CNEB a aprendizagem musical tem de envolver a audição, a interpretação e a criatividade. Este conceito básico é desenvolvido por todos os pedagogos do século XX, os quais, apelando à criatividade tentam que nas escolas se desenvolvam competências de: capacidade de ouvir uma obra musical e reconhecer as suas características, as suas partes, a sua forma, o seu estilo e as suas influências; capacidade de interpretar, vocal ou instrumentalmente, géneros musicais da sua preferência, de tocar ou cantar em grupo; e capacidade de inventar melodias, ou canções e de improvisar em grupo (CNEB, 2003, p.168).

No seguimento daquilo que foi referenciado no parágrafo anterior relativamente às competências centrais do CNEB, vários foram os pedagogos que ao longo do século XX procuraram desenvolver um método de ensino da música mais próximo da criança. De seguida vou pontuar a visão de alguns deles na perspetiva do seu contributo

pedagógico e metodológico para o ensino da música, os quais passo descrever ainda que sucintamente:

- *Abordagem metodológica de Dalcroze (1973)* É um sistema musical centrado no ritmo e procura o conhecimento através da prática, ao que se dá o nome de Eurítmica. Explora o sentido da música através do movimento e de expressão, tentando criar um maior grau de musicalidade. Considera o movimento e a voz os primeiros instrumentos musicais da criança, baseando a sua metodologia nos ritmos naturais do corpo humano que relacionou com ritmos musicais. Utiliza jogos, movimento e voz. Em Portugal teve como impulsionadora margarida Abreu (Sousa, 2008);
- *Abordagem metodológica de Martenot (1997)* A criança deve trabalhar separadamente ritmo, audição, entoação e leitura. Realça o desenvolvimento do sentido rítmico dando importância ao tempo natural de cada ser humano. A aprendizagem das notas, deve-se dividir em três etapas: a imitação, o reconhecimento e a execução do canto. Foi divulgado em Portugal por Maria de Lurdes Álvares Ribeiro (Sousa 2003);
- *Abordagem metodológica de Suzuki (1946)* É um método para o ensino do violino. Atribui um papel fundamental às aulas de conjunto. A música é ensinada como se fosse uma nova língua. Favorece a relação pai-professor-aluno. Desenvolve as capacidades visuais, auditivas e motoras, promovendo a auto estima e companheirismo entre alunos, pais e docentes. A sua divulgação em Portugal foi feita através do Conservatório da Orquestra Metropolitana de Lisboa;
- *Abordagem metodológica de Ward (1910)* Realça muito em particular a educação da voz, partindo do princípio que a mesma é o nosso

instrumento natural que a voz é o nosso instrumento natural e por isso deve ser trabalhado e desenvolvido. O ensino é adaptado ao desenvolvimento físico, psicológico e mental da criança ajudando-a a desenvolver e a crescer global e harmoniosamente (Sousa, 2008). O ritmo é vivenciado pelas crianças através de gestos em que entra em ação todo o corpo. Foi introduzido em Portugal em 1950, por Júlia d' Almendra;

- *Abordagem metodológica de Murray Schafer (1969)* Segundo esta metodologia, as crianças devem ser estimuladas a perceber e identificar sons dos diversos ambientes em que vivem. Para que entendam melhor o conceito de *paisagem sonora*, são propostas atividades como um passeio pela escola. Nesse passeio registam em gravadores todos os sons que representam a paisagem sonora da escola. Também as crianças podem reconhecer, construir e compor paisagens sonoras do seu quotidiano. A promotora desta metodologia em Portugal, foi Graziela Sintra (Sousa 2008);
- *Abordagem metodológica de Willems (1970)* Este método tinha como base, o método Dalcroze. Willems utilizava os três elementos fundamentais da música, a canção, o desenvolvimento da audição e do sentido rítmico. Estabelecia a ligação entre a natureza da música e do ser humano. Centrava-se como ponto essencial deste método a preocupação de desenvolver a imaginação criativa da criança (Sousa 2003);
- *Abordagem metodológica Orff-Schulwerk (1961)* Carl Orff baseia a abordagem da música no ritmo e também na linguagem. É de particular interesse a forma como este método conduz a criança à improvisação coletiva. Orff criou e mandou construir instrumentos de inspiração africana para serem utilizados exclusivamente por crianças em que o objetivo era conseguir que a criança tivesse o primeiro contacto com o

instrumento o mais depressa possível e que obtivesse resultados rapidamente (Sousa 2003);

- *Abordagem metodológica de Kodály* A sua atividade pedagógica baseia-se na aprendizagem da música tradicional. Este é o ponto de partida para toda a aprendizagem musical, e será a partir desta perspetiva que a criança aprenderá a compreender e a apreciar a música de todos os géneros, estilos e culturas (Sousa, 2003). Em Kodály, o meio de expressão natural para as crianças é a voz. A educação musical deverá, portanto, basear-se na voz. Com o auxílio de jogos vocais, os alunos são ensinados através das canções tradicionais a cantar com afinação, a improvisar e a representar simbolicamente os sons. Este método tem como seguidora e divulgadora, em Portugal, entre outros, Cristina Brito da Cruz (Sousa, 2008);
- *Abordagem de Edwin Gordon* Considera que as crianças só podem apreciar a música se a compreenderem, referindo que essa compreensão só é possível através da interiorização dos sons. Criou a palavra *audiação* para designar a capacidade de “ouvir e compreender musicalmente quando o som não está fisicamente presente” (Amado, 1999, p.52). Desenvolveu uma teoria que leva à aprendizagem da música através da prática, definindo cinco capacidades que as crianças deverão desenvolver: ouvir, interpretar, ler, escrever e criar. Os seus estudos incidem, por um lado no desenvolvimento musical de recém nascidos e de crianças em idade pré-escolar, por outro na prática da música na primeira infância. Em Portugal, Helena Rodrigues tem sido a sua divulgadora (Sousa, 2008);
- *Abordagem metodológica de Wuytack (1995)* Baseando-se nos métodos de Carl Orff e Kodály, Wuytack refere a importância da audição musical ativa no ensino da música, realçando a sua importância pedagógica, através da qual poderão ser abordados aspetos relacionados com a

biografia de um compositor, a época, o estilo musical e técnica musical. Wuytack pretende que a criança participe numa música de conjunto, em que se combinam: a voz, como meio de expressão do ser humano; os instrumentos Orff, na criação e interpretação musicais; e o corpo, através do movimento, da mímica e da dança (Wuytack, 2008). A grande inovação, em relação com as pedagogias anteriores, passa pela criação dos *musicogramas*. Tem como principal colaboradora em Portugal, a Professora Doutora Graça Boal Palheiros.

Perante o exposto, e fazendo uma analogia com a minha prática pedagógica, considero que qualquer um destes métodos foi importante no desenvolvimento da minha *praxis*, os quais, de um modo geral, estiveram sempre presentes nas atividades que planifiquei, ainda que de uma forma empírica. Tenho consciência de que a utilização dos métodos supracitados foi uma mais-valia no trabalho desenvolvido, enriquecendo assim o processo ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada nas atividades propostas, variava em função quer da própria atividade a desenvolver quer da realidade escolar em que me encontrava, tendo sempre em atenção as características das crianças para assim poder chegar a elas mais facilmente e obter melhores resultados. Refiro ainda que ao utilizar um pouco de cada método descrito, conjunta ou separadamente consoante a atividade a desenvolver, a minha prática foi convergindo para um trabalho mais completo e pessoal.

#### **I.4. A Música na Sociedade**

Ao longo da história da humanidade a música esteve sempre presente e influente nas sociedades, como aliás já tem vindo a ser referido. Tão antiga quanto o homem, a música primitiva era usada para exteriorização de alegria, prazer, amor, dor, religiosidade e os anseios da alma. No decorrer dos tempos, além da importância e significado que vem sendo atribuído à música, o homem sentiu necessidade de que a esta fosse parte integrante da formação do indivíduo. Desta forma, a música ocupa na sociedade um papel relevante na aquisição do conhecimento (Pahlen, 2003).

#### **I.4.1. A Música na Aquisição do Conhecimento**

Na minha perspectiva, a música contribui para tornar o ambiente escolar mais alegre e facultar a aprendizagem dos conteúdos das diferentes áreas disciplinares, e isso talvez seja a dimensão essencial da pedagogia, é desta opinião (Faria, 2001, p. 21), ao referir que “a música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação”. Segundo Escudero(1993, p.43), “a educação musical e rítmica na escola infantil tem uma importância extraordinária dentro do desenvolvimento da criança na sua formação integral”. A música exerce e favorece o desabrochar da criança. A música dá à criança a possibilidade de exploração e integração do mundo sonoro, permitindo a liberdade de expressão e criação (Pahlen, 2003, p. 32).

A música pode ser trabalhada em várias áreas da educação, como: Língua Portuguesa, raciocínio lógico matemático, História, Línguas Estrangeiras, Ciências e artes (Costa, 1923). Na minha opinião, para atingir essas áreas o professor poderá realizar atividades que contribuam para que o indivíduo aprenda a viver na sociedade, abrangendo aspetos comportamentais como disciplina, respeito, civismo, valores e aspetos didáticos, ou seja, atividades que facilitarão a aprendizagem, fixando assuntos relevantes, unindo o útil ao agradável, em consonância com o ciclo em que se está a lecionar.

Tocar um instrumento musical, cantar ou simplesmente ouvir música regularmente são algumas das atividades musicais que, quando estimuladas, favorecem o desenvolvimento cognitivo da criança. É importante que desde tenra idade, a criança frequente ambientes musicais, nomeadamente concertos, e que tenha também contacto desde cedo com a música tanto em casa como na escola (Crease, 2008).

A fonte supracitada expõe que, ao habituarem-se a ouvir música, as crianças desenvolverão os seus próprios gostos e preferências, evoluindo em conhecimento e sentindo-se atraídas a tentar, a experimentar, a investigar e a descobrir novos sons e novos ritmos. Permite às crianças adquirir conhecimentos e modelar competências e atitudes que permanecem durante toda a vida, influenciando também outras áreas do conhecimento e do comportamento. Por outro lado, a aprendizagem e a prática musical estimulam a coordenação, a objetivação, a capacidade de concentração e também a de cooperar com os outros e de produzir algo para prazer do próprio e dos que o rodeiam.

Para Pahlen (2003), a música na vida do ser humano é tão importante como real e concreta, por ser um elemento que auxilia no bem-estar das pessoas. No contexto escolar a música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do educando, pois ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Devem desencadear-se atividades que contribuam para o desenvolvimento da inteligência e do pensamento crítico do aluno. As práticas ligadas à música e à dança, são uma fonte para transformar o ato de aprender em atitude prazerosa no cotidiano do professor e do aluno.

Também para Gainza (1988), a música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e o desenvolvimento. O autor redre que as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos:

**Físico:** oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga;

**Psíquico:** promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro;

**Mental:** proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão.

A expressão musical desempenha um papel importante na vida recreativa de toda a criança, ao mesmo tempo em que desenvolve a sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total, é desta opinião (Crease, 2008).

#### **I.4.2. A Música Enquanto Estratégia de Aprendizagem**

Tal como está implícito no que foi referido anteriormente recorrendo aos vários autores, também é de minha opinião que a música é um instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem, portanto deve ser incentivado o seu uso e exploração na sala de

aula. Além de contribuir para que o ambiente escolar seja mais alegre, pode ser usada para proporcionar uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de atividade física e reduzindo a tensão em momentos de avaliação, a música também pode ser usada como um recurso pedagógico na aprendizagem e compreensão dos conteúdos das diversas disciplinas. O educador pode selecionar músicas que falem do conteúdo a ser trabalhado na sua área, tornando a aula dinâmica atrativa, ajudando a recordar os conteúdos. Mas, a música também deve ser estudada como matéria em si, como linguagem artística, forma de expressão e cultura. Segundo (Gordon E. E., 2000), é formando o ser humano com uma cultura musical desde criança que estaremos a educar adultos capazes de usufruir da música, de a analisar e de a compreender. Assim, o conhecimento adquirido na linguagem musical segue o ser humano ao longo da vida.

Na minha perspectiva, as atividades relacionadas com a música também servem de estímulo para as crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais, afirmação esta fruto da minha experiência com crianças desta índole. As referidas atividades, podem servir como estímulo à realização e ao controlo de movimentos específicos e contribuir para a organização do pensamento. Penso que, além disso, a criança fica envolvida numa atividade cujo objetivo é ela mesma, onde o importante é o fazer, participar, onde não exista cobrança de rendimento, respeitando a sua forma de expressão, valorizando a sua ação, e assim, através do sentimento de realização ela pode desenvolver a sua auto-estima tal como refere a seguinte transcrição:

A música enriquece a vida, e por este motivo é necessário que a criança com deficiência esteja rodeada por um ambiente musical rico e controlado em estímulos, uma vez que esta experiência sensorial proporciona um desenvolvimento emocional, psicológico e social equilibrado. (Moreno, 1990, p.10)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Tradução minha. Texto original: “La música enriquece la vida, y por este motivo es necesario que rodee al niño disminuido un ambiente musical rico y controlado en estímulos, puesto que esta experiencia sensorial es lo que le va a proporcionar un desarrollo emocional, psicofisiológico y social equilibrado. (Moreno, 1990, p.10)

Penso que em vez de tentarmos transmitir à criança um método, um instrumento em escolas ou conservatórios, deveremos trabalhar o ouvir, perceber, descobrir, imitar, repetir os sons, pois considero que antes das regras musicais, deve vir a vivência e a familiaridade com os sons. Esta prática poderá ser desenvolvida tanto no Pré-Escolar, como em todo o Ensino Básico e também em Conservatórios e Academias na disciplina de Iniciação Musical.

Segundo Gardner (1995), a música começa a ser entendida como uma forma de inteligência, não apenas como uma manifestação do mesmo. Por “inteligência” o autor entende algo como uma habilidade distinta para resolver e criar diferentes tipos de problemas. O autor identifica sete inteligências diferentes: linguística; musical; lógico-matemática; espacial; corporal-cinestésica; intra-pessoal (inteligência sobre o sentimento da própria vida) e inter-pessoal (inteligência sobre as interações humanas). Todas as pessoas têm alguns recursos em todas estas inteligências, mesmo que de formas diferentes. Estas ideias são significativas para a relação da educação musical com o ensino em geral. Se a música, para os alunos, pode então ser uma forma eficaz e prazerosa de chegar ao conhecimento, é decerto e de igual forma, para os professores, uma maneira de ensinar. Em jeito de conclusão, quando as ideias importantes, informações e formas de pensar podem ser abordadas através de estratégias e estruturas previstas pela música, a aprendizagem pode ser reforçada.

A Educação Musical promove uma série de fatores não musicais importantes para o sucesso na escola e na vida. Três áreas são importantes: 1- metas de desenvolvimento, tais como a auto-estima, autodisciplina e criatividade individual; 2- desenvolvimento de importantes habilidades académicas e pessoais; 3- contribuição da música para outras áreas de estudo, sobretudo para a sua integração (Gardner, 1995).

### **I.4.3 A Música e a Interdisciplinaridade**

No meu entender e através da experiência profissional que possuo, as crianças podem perceber sentir e ouvir, deixando-se guiar pela sensibilidade, pela imaginação e pela sensação que a música lhes sugere. Considero importante oferecer, também, a oportunidade de ouvir música sem texto, não limitando o contacto musical da criança

com a canção que, apesar de muito importante, não se constitui a única possibilidade. Na minha opinião, a música deverá estar presente ao longo de todo o percurso escolar e em todas as aprendizagens. Cito a título de exemplo o CD, “Técno-Tabuada” das edições *Convite à Música*, para aprendizagem da tabuada, o qual tive oportunidade de experienciar. Com este recurso, os alunos, para além de muito motivados, aprenderam com relativa facilidade o referido conteúdo.

Segundo estudos realizados por pesquisadores alemães, pessoas que analisam tons musicais apresentam a área do cérebro 25% maior em comparação com indivíduos que não desenvolvem trabalho com música, bem como com os que estudaram as notas musicais e as divisões rítmicas, que obtiveram notas 100% mais elevadas que os demais colegas em relação a um determinado conteúdo de matemática. Também com base em pesquisas, as crianças que desenvolvem um trabalho com a música apresentam melhor desempenho na escola e na vida como um todo e geralmente apresentam notas mais elevadas quanto à aptidão escolar (Gardner, 1995).

A valorização do contacto da criança com a música já era existente, Platão dizia que a música “é um instrumento educacional mais potente do que qualquer outro”. Hoje é perfeitamente compreensível essa visão apresentada por Platão, visto que a música treina o cérebro para formas relevantes de raciocínio (Fubini, 1999).

Assim, concluo que a música não pode ser desconectada do processo de ensino-aprendizagem da escola. A vivência musical para a criança, é em geral extremamente agradável. Ela aprende novos conceitos e desenvolve diferentes habilidades, melhora a comunicação e desenvolve a criatividade, a coordenação e a memória.

Há várias formas de se trabalhar a música na escola, por exemplo, de forma lúdica e coletiva, utilizando jogos, danças de roda e construção de instrumentos. Também as músicas comemorativas constituem um recurso didático interessante e dinâmico, pois através delas muitos assuntos podem ser trabalhados, com a integração de várias disciplinas. A título de exemplo, na Língua Portuguesa pode ser trabalhada a leitura, a interpretação do texto bem como questões gramaticais. Um aluno quando toca um instrumento, ao interpretar uma música, terá possibilidade de ampliar significativamente os seus conhecimentos de outras culturas e épocas, pois quando começa a ler a partitura que vai interpretar pode recolher informações valiosas que servirão para complementar o seu estudo.

## **II. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada no decorrer das minhas práticas educativas assemelha-se ao método de investigação-ação, ainda que mais orientada para a prática pedagógica do que propriamente para a investigação, seguindo uma linha de avaliação qualitativa.

De uma forma simplista, podemos dizer que a investigação-ação é o “aprender fazendo”- existe uma fase de observação, planifica-se segundo aquilo que foi observado, coloca-se o plano em prática, verifica-se se os esforços resultaram e, em caso contrário, define-se um novo plano de ação (Bogdan & Biklen, 1994).

Foi precisamente nesta metodologia que me inspirei para a realização da minha Prática Pedagógica recorrendo a um processo em espiral. Numa primeira fase observei e analisei as características de um determinado grupo/turma e posteriormente realizei a minha intervenção com base nessa mesma observação. De seguida fiz a minha própria autocrítica através de uma reflexão ponderada e coerente de modo a fazer algumas correções/alterações no sentido de melhorar as minhas práticas. Depois desta reflexão surge então uma nova planificação seguida de uma segunda intervenção e assim sucessivamente, visando sempre uma evolução do ensino-aprendizagem. Por achar eficaz e convincente este método, passo então a apresentar algumas das características e funcionamento prático da investigação-ação.

Podemos afirmar que a investigação-ação é uma metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos da ação (Bernet, 1998). Por conseguinte, o duplo objetivo básico e essencial é, por um lado obter melhores resultados naquilo que se faz e, por outro, facilitar o aperfeiçoamento das pessoas e dos grupos com que se trabalha. Esta metodologia orienta-se à melhoria das práticas mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças. Permite ainda a participação de todos os implicados. Desenvolve-se numa espiral de ciclos de planificação, ação, observação e reflexão. É portanto, um processo sistemático de aprendizagem orientado para a *praxis*, exigindo que esta seja submetida à prova, permitindo dar uma justificação a partir do trabalho, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e cientificamente examinada (Bernet, 1998). Parafraseando o autor, o contributo da investigação-ação na prática educativa pode e deve levar a uma participação mais ativa do professor, como agente de mudança. Compreendo assim, que o grande objetivo desta metodologia, é pois, a reflexão sobre a ação a partir da mesma.

Como refere (Benavente, Costa, & Machado, 1990, p. 53) “*Os processos de mudança são problemática nuclear da investigação-ação*”. Ao utilizar esta metodologia na minha prática pedagógica, aquilo que, efetivamente, pretendo é a mudança na forma e na dinâmica da intervenção educativa que realizo no dia-a-dia no palco da nossa ação que é a escola. A estratégia mais eficaz para que ocorram as necessárias mudanças na comunidade educativa será o envolvimento de todos os intervenientes, numa dinâmica de ação-reflexão-ação. Ainda segundo os autores supracitados, passo então a enumerar alguns princípios da investigação-ação em relação ao processo ensino-aprendizagem:

1. Promove as mudanças na Educação;
2. É participativa e pressupõe a sua aplicabilidade sobre as próprias práticas dos intervenientes;
3. É uma espiral autorreflexiva;
4. É cooperativa;
5. Estabelece comunidades autocríticas;
6. É um processo de aprendizagem sistemática.

Também para o Professor é importante este método de investigação-ação, na medida em que produz efeitos na prática educativa do professor:

- Altera a conceção das suas capacidades e do papel que desempenha;
- Aumenta a auto confiança e a auto valorização;
- Aumenta a tomada de consciência dos problemas da sala de aula;
- Aumenta a disposição para a auto reflexão;
- Altera os seus valores e crenças;
- Promove a congruência entre teorias da prática e a sua aplicabilidade prática;
- Alargas as suas perspetivas em relação ao processo ensino-aprendizagem e à sociedade em geral.

Neste sentido, e depois do exposto, considero que a investigação-ação surge como uma metodologia eficaz e indispensável no processo ensino-aprendizagem.

### **III. EXPERIÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

Como já foi referido anteriormente, a prática pedagógica que realizei foi baseada no método de Investigação-ação, ainda que esta minha atividade esteja mais orientada para a prática pedagógica do que, propriamente, para a investigação científica, segundo as Normas Regulamentares dos Mestrados em vigor no Instituto Politécnico de Bragança<sup>9</sup>. Desde a conclusão da minha Licenciatura em Professores do Ensino Básico, Variante de Educação Musical, em 2003, até ao início do ano letivo 2010/2011, o meu percurso como docente incidu exclusivamente nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Em 2010, iniciei a minha experiência como docente nas *Atividades de Enriquecimento Curricular* de Música no 1º CEB, no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Gonçalves Carneiro em Chaves, onde permaneci até ao ano letivo (2012/2013).

Aqui, referir-me-ei à prática desenvolvida no 1º Ciclo, no Agrupamento onde exerci a prática pedagógica, com o objetivo de dar a conhecer as diferentes experiências de ensino-aprendizagem realizadas. Fá-lo-ei, primeiramente, através de uma descrição do contexto de estágio e, de seguida, através de uma descrição pormenorizada das experiências de ensino-aprendizagem mais relevantes.

---

<sup>9</sup> Referência: (2013, 03 13). *Regulamentos do IPB: Normas Regulamentares dos Mestrados*. Retrieved 05 07, 2014, from IPB-Instituto Politécnico de Bragança · Escola Superior de Educação: [http://www.es.e.ipb.pt/portal/page?\\_pageid=575,530197&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL](http://www.es.e.ipb.pt/portal/page?_pageid=575,530197&_dad=portal&_schema=PORTAL).

### III.1. Contexto



Fig.2-Mapa da localização de Chaves

Tal como consta no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Gonçalves Carneiro (p.12), cedido pela Coordenadora de Departamento, a cidade histórica de Chaves ergue-se num vale fértil e foi fundada em 78 d.C., sob o nome de *Aquae Flaviae*, pelos romanos, que escolheram o local não só pela sua importância estratégica como pelas nascentes de águas termais e depósitos de ouro que encontraram na zona.

Chaves tem especial orgulho nas suas termas, situadas perto do centro da cidade e onde as águas brotam a uma temperatura de 73 graus, sendo as mais quentes da Europa e utilizadas para tratar diversos problemas de saúde.

A cidade de Chaves, é um dos seis concelhos da região do Alto Tâmega, dista cerca de 64 km da capital de distrito Vila Real e fica a 8 km da fronteira com a Espanha. Confina a Norte com a Galiza - Espanha, a Este pelos concelhos de Vinhais e Valpaços, a Sul pelos concelhos de Vila Pouca de Aguiar e a Oeste pelos concelhos de Montalegre e Boticas.

O Concelho abrange uma área de 600,12 km<sup>2</sup>, é composto por 51 freguesias e nela residem 43.667 habitantes concentrados, fundamentalmente, na cidade e nas aldeias limítrofes, atingidas por processos de periurbanização e reurbanização. Tem uma densidade populacional de 68,12 habitantes por km<sup>2</sup>.



Fig.3 - EB1 n°3 do Caneiro

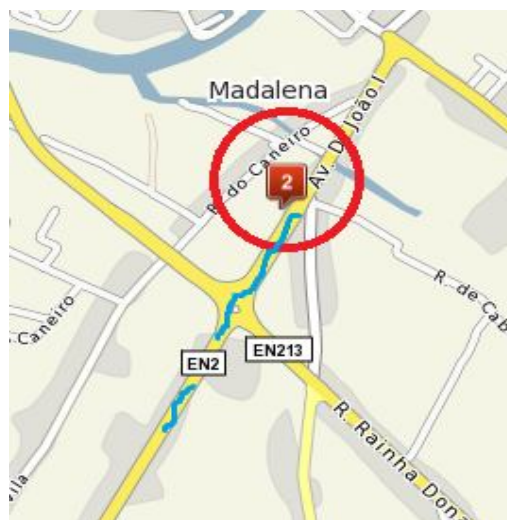


Fig.4 - Mapa de localização da EB1 n°3 do Caneiro

### A Escola

A Escola Básica do 1º Ciclo do Caneiro (Fig.3)<sup>10</sup>, situa-se na Cidade de Chaves, na Avenida Dom João I, freguesia da Madalena, concelho de Chaves e distrito de Vila Real.

Atualmente, esta instituição é composta por dois edifícios separados, cada um com dois pisos. Um dos edifícios é composto por duas salas de aula no 1º piso, ocupadas pelo Ensino Pré-Escolar, duas casas de banho e o hall de entrada. No 2º andar existem mais duas salas onde estão as turmas, 3ºA e 4ºB.

No outro edifício existem também quatro salas de aula, quatro casas de banho, uma pequena copa e a sala de professores. No 2º piso está o 2ºA e o 4ºA. No 1º piso, estão as casas de banho, a cozinha, a sala de professores. Numa das salas funciona a Biblioteca Escolar e noutra, uma Unidade onde é feito o apoio aos alunos com Necessidades Educativas especiais.

No exterior da escola, existe um pré-fabricado onde está o 1º ano, uma vez as restantes salas se encontrarem todas ocupadas. Há também um espaço coberto entre os dois edifícios, onde as crianças podem brincar abrigadas da chuva. Na parte de trás dos edifícios há um espaço com diversões para os mais pequenos e um campo de futebol, além de todo o espaço em volta dos edifícios onde as crianças podem andar em segurança.

---

<sup>10</sup> Foto da autora

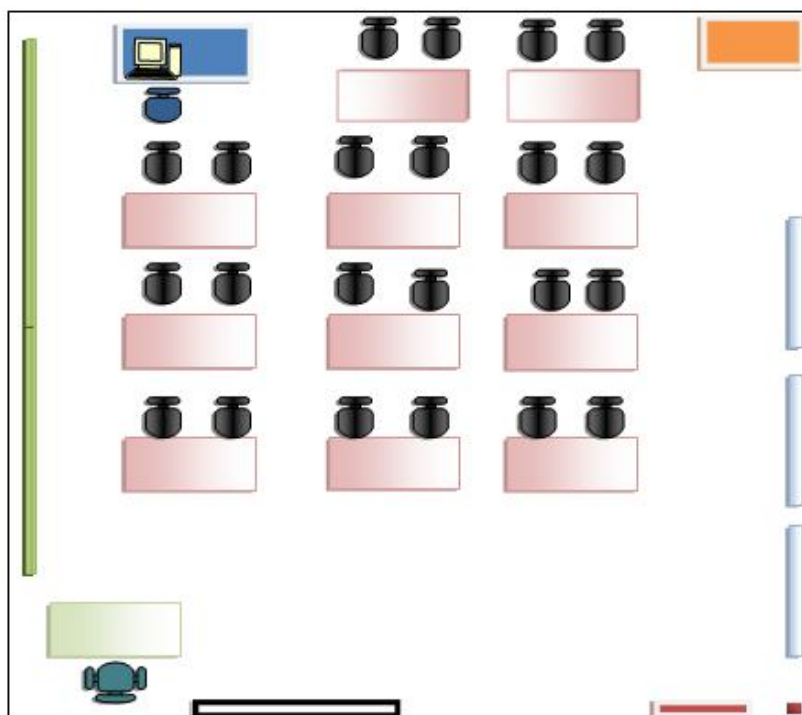
A população escolar tem-se mantido estável. Assim, nesta escola existe uma população estudantil de cerca de 110 alunos, 13 professores e 8 auxiliares de ação educativa.

Quero também referir que, quer professores quer funcionários se mostraram sempre simpáticos e disponíveis para qualquer tipo de ajuda que lhes solicitasse, o que para mim foi uma mais-valia.

### **A Sala de Aula**

A sala de aula tem um formato retangular, tem boas condições térmicas e de luminosidade pelo facto de uma das paredes ser formada por janelas largas e altas em toda a sua extensão. Quase toda a sala é ocupada pelas mesas dos alunos, não restando espaço para a realização de atividades com movimento. Pelo que, sempre que necessário tinham de se afastar todas as mesas para uma parte da sala, para assim se poderem realizar as diversas atividades.

Existem 11 mesas para alunos, 20 cadeiras de alunos, duas mesas para o professor onde numa delas está colocado um computador (armazenamento de material em suporte informático), um quadro branco, um placar de corticite em toda a extensão de uma parede e um armário para arrumação de material escolar.



**Fig.5 - Planta da sala de aula**

## **A Turma**

A turma B do 2º ano é constituída por 20 alunos com idades compreendidas entre os sete e oito anos, dos quais, 8 elementos do sexo feminino e 12 do sexo masculino.

No que diz respeito à área de residência ou precedência dos alunos, todos residem no concelho de Chaves.

A turma é homogénea, quer a nível de comportamento dos alunos, quer a nível de ritmos de aprendizagem. Apresenta assim, um bom comportamento e um nível satisfatório no aproveitamento. É uma turma bastante recetiva ao conhecimento musical, pelo que, facilita assim o papel do professor na transmissão dos conteúdos e na realização das atividades.

### **III.2. Enquadramento da Prática Desenvolvida**

No âmbito do programa das Atividades de Enriquecimento Curricular as aulas decorrem entre as 15h30 e as 17h30.

A carga horária semanal da Música no 1.º e 2.º ano de escolaridade é de 135 minutos (uma aula de 90 minutos e outra de 45 minutos); e no 3.º e 4.º ano é de 90 minutos (apenas uma aula por semana).

Os principais documentos que orientam as práticas neste ciclo de ensino e neste programa são as Orientações Programáticas da Música no 1.º ciclo e as planificações adotadas ao nível do agrupamento. Tendo em vista alguma uniformização de conteúdos e matérias abordadas bem como de reportório, as planificações são elaboradas pelo grupo de professores de música das AEC's de todo o agrupamento. Os conteúdos e atividades desenvolvem-se em torno de vários temas como Música Tradicional Portuguesa, Música Contemporânea, Música Erudita, Reciclagem (construção de instrumentos musicais), Música do Mundo, Música e Novas Tecnologias bem como as festividades realizadas ao longo do ano letivo.

Para além das atividades desenvolvidas na sala de aula, as AEC de Música são frequentemente solicitadas para participar em atividades extracurriculares de cariz artístico e cultural, sendo muitas vezes esta área a única dinamizadora e responsável por atividades tais como, festas de Natal, Feira de Sabores e Saberes (a convite da

Autarquia), Festival da Canção (a convite da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior), festas de encerramento de ano letivo, entre muitas outras. Muitas vezes, e durante alguns períodos de tempo ao longo do ano letivo, o desenrolar das atividades na sala de aula, é dedicado à preparação desses espetáculos, tendo em vista uma das competências a desenvolver neste ciclo: “Apresenta e interpreta publicamente, na escola e/ou comunidade, obras vocais e instrumentais” (Ministério da Educação, 2006, p. 9).

Tendo em conta o papel preponderante que a Música tem na Educação, defino os seguintes objetivos gerais da minha prática pedagógica:

- Desenvolver competências auditivas;
- Desenvolver competências vocais e instrumentais;
- Desenvolver competências criativas e de experimentação.

Além disso, e tendo em conta sempre o bem-estar físico e psíquico da criança, pretendo também desenvolver os seguintes aspetos: Físico – através de atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional; Psíquico – promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical; Mental – para proporcionar situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da harmonia, organização e compreensão.

Todas estas minhas pretensões desenvolver-se-ão sempre em torno do grande objetivo que é, levar até às crianças o gosto pela música através da motivação.

### **III.3. Descrição das Experiências de Ensino-Aprendizagem**

A PES desenvolvida no 1º Ciclo do EB iniciou-se com um período de observação, onde pude tirar algumas conclusões importantes para toda a prática que se iria seguir. Verifiquei e aprofundei as minhas primeiras impressões acerca da turma, como sendo bem comportada, organizada e bastante respeitosa para com os professores e os colegas. De um modo geral, a turma tem um bom aproveitamento escolar, demonstrando-o no decorrer da realização das tarefas, pela sua participação, atenção, entusiasmo e pelo

modo de se expressarem. Além disso mostraram ser humildes ao aceitar com bons modos e agrado todas as advertências e tarefas propostas pela professora.

Contudo, estava consciente de que o comportamento da turma poderia vir a ser ligeiramente diferente, uma vez que a área a lecionar – Expressão Musical, torna-se propícia à dispersão e ao barulho, podendo assim causar um outro comportamento e diferentes atitudes e reações por parte das crianças. No entanto, pelo facto de a turma apresentar um bom comportamento, eu ter já alguma experiência de trabalho, e a área a lecionar ser do agrado das crianças, acreditei que, tudo iria decorrer com normalidade, como de facto aconteceu no decorrer das aulas que lecionei de seguida. Atribuí um elevado grau de importância a esta aula de observação, pois considerei-a como um tónico para a realização das futuras intervenções, ficando assim a conhecer minimamente o terreno que ia pisar.

Realizado o período de observação, comecei então a lecionar a Área de Enriquecimento Curricular de Música no período da tarde, com a duração de 45m cada aula, das 14:45 às 15:30.

No decorrer desta prática pedagógica foram realizadas e desenvolvidas várias atividades, as quais planifiquei cuidadosamente, sempre em função dos alunos. Atividades essas, como o canto, movimento/dança, percussão corporal, audição e jogos musicais. As planificações<sup>11</sup> tiveram sempre um caráter de flexibilidade, ajustando cada aula, e em conformidade com os meus objetivos, aos gostos e reações manifestadas pelos alunos perante as atividades apresentadas. Tive como objetivo principal, poder contribuir para uma maior satisfação e bem-estar dos alunos, fazendo com que cada aula fosse uma festa, onde se brinca e aprende.

Relativamente ao modo como lecionei os conteúdos, este variou bastante em função dos alunos, tendo em conta a sua capacidade de perceção e compreensão das matérias a desenvolver. Em alguns temas, parti da teoria à prática, noutros, da prática à teoria conforme as exigências do tema a trabalhar, e também em opinião pessoal, de forma a obter melhores resultados e um maior feedback por parte das crianças. No entanto, e na maior parte dos casos, concordo mais com o método da “prática à teoria”, identificando-

---

<sup>11</sup> Ver [Apêndice 1] – Planificações de aula 1º Ciclo

me mais a nível pessoal com esta forma de trabalhar, não descorando nenhuma das formas, e considerando até, que uma depende da outra.

Tenho por hábito, iniciar as aulas sempre com exercícios corporais de relaxamento, percussão corporal, ou até simplesmente com a audição de um tema musical relaxante, mantendo o silêncio durante a mesma. Logo aqui, estão implícitos alguns fatores essenciais ao desenvolvimento da criança tais como, o relaxamento muscular para o bem-estar físico, o desenvolvimento da atenção e concentração para a imitação e percepção correta dos exercícios de percussão corporal, e a audição como sendo um fator importantíssimo nesta área, e também de grande dificuldade para as crianças, o “saber ouvir” valorizando o silêncio. É considerável ressaltar a importância de se desenvolver a escuta sensível e ativa nas crianças. E segundo Palacios (1997):

Todos nós ouvimos música de acordo com as nossas aptidões, variáveis, sob certo aspeto, em três planos distintos: sensível, expressivo e puramente musical, o que corresponde a ouvir, escutar e compreender. Essa é a razão pela qual o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, adaptando as atividades de acordo com as suas aptidões e do seu estágio auditivo. (p.142)

A audição musical deve ser parte integrante no ensino da educação musical (Palacios, 1997). É importante saber cantar, tocar, dançar e improvisar, mas também saber ouvir música. Num primeiro momento da audição o meu objetivo era mesmo o de ouvir sem nenhum outro propósito, permitindo ao aluno desenvolver a audição. De seguida voltaríamos a ouvir para depois falar sobre o que se tinha ouvido, estabelecendo assim um diálogo entre mim e os alunos, que lhes permitisse a troca de diferentes opiniões e interpretações do tema ouvido sobre o sentimento transmitido, partindo do princípio que cada criança sente à sua maneira. Além disso, passávamos também à identificação do estilo musical, das dinâmicas, os andamentos e dos instrumentos, passando então a uma abordagem teórica dos temas de forma bastante ativa e motivadora para as crianças.

A audição era também utilizada para os exercícios de relaxamento, deixando fluir o corpo, a mente e até a alma, proporcionando uma maior predisposição para a receção e assimilação dos conteúdos. Nestes exercícios de relaxamento, tinha por hábito a realização de jogos de espelho, trabalhando assim, atenção e a lateralidade. Para este fim, geralmente os temas a ouvir eram calmos e melodiosos.

Relativamente à percussão corporal, utilizei a canção *O Teu Corpo é Música*<sup>12</sup> do livro *Pequenos Músicos*, trabalhando o timbre corporal e, conseqüentemente, a voz. Como preparação desta atividade de movimento e prática vocal, foram realizados exercícios de aquecimento vocal. De seguida foi necessário trabalhar a letra da música de forma a decorá-la para uma maior liberdade de expressão na interpretação da canção e realização do Timbre Corporal. A aprendizagem da letra e da canção foi realizada através de sucessivas repetições das frases fragmentadas e com diferentes acentuações. Desta forma, fazíamos exercícios para trabalhar a dicção, afinação e articulação, até a uma considerável memorização da letra e da melodia. Nesta aula apresentei também a canção *A Primavera*<sup>13</sup>, do meu prezado Professor de licenciatura, Dr. Artur Fernandes, tema alusivo à estação do ano a decorrer nesta altura.

No decorrer desta prática procurei sempre apresentar canções alusivas às festividades a decorrer em determinada altura, como por exemplo: primavera – canção *A Primavera*; dia do Pai – a canção *Pois, tu és o capitão!*<sup>14</sup> também do professor Artur Fernandes; dia da Criança – a canção *Ser criança*<sup>15</sup> do livro 100% Música de 5º ano. Esta última, apesar de constar do manual de 5º ano de Educação Musical, foi de acessível aprendizagem para as crianças. Como a letra era um pouco extensa e o tempo um pouco limitado, as crianças aprenderam e interpretaram unicamente o refrão e as quadras da canção formam acompanhadas com gestos.

Tal como no início das aulas, no final realizava também exercícios de relaxamento, pois considero que esta prática traz bastantes benefícios, contribuindo para a saúde física e mental das crianças, tal como refere a seguinte transcrição:

O relaxamento propicia o controlo da mente e o uso da imaginação, dá descanso, ensina a eliminar as tensões e leva à expansão da nossa mente”. Barreto observa que: “O relaxamento depende da concentração e por isso só já possui um grande alcance na educação de crianças dispersivas, na reeducação de crianças ditas hiperativas e na terapia de pessoas ansiosas. (Sousa, 1979, p. 95)

---

<sup>12</sup> Ver [Anexo 1] – Letra da canção “O Teu Corpo é Música”

<sup>13</sup> Ver [Anexo 2] – Partitura da canção “A Primavera”

<sup>14</sup> Ver [Anexo 3] – Partitura da canção “Pois, Tu és o Capitão”

<sup>15</sup> Ver [Anexo 4] – Partitura da canção “Ser Criança”

Ao longo desta Prática Pedagógica, procurei sempre que possível, estabelecer a interdisciplinaridade, onde a música pudesse ser usada como um recurso na aprendizagem de todas as disciplinas. Mantive sempre o diálogo com a Professora titular, procurando saber em que é que a minhas aulas poderiam ajudar na apresentação dos conteúdos das atividades curriculares, procurando sempre que possível, abordar temas musicais ajustados aos mesmos. E de facto, a música é imprescindível para um maior e melhor desenvolvimento da criança, sendo assim um instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem, devendo ser portanto, possibilitado e incentivando o seu uso na sala de aula.

#### **III.4. Resultados obtidos em Contexto de 1º Ciclo**

Concretizados que foram todos os passos necessários para a realização da minha prática pedagógica, nomeadamente a observação direta da realidade das Escolas e dos contextos grupo/sala de aula em que lecionei, passo a descrever os resultados empíricos obtidos.

Esta atividade permitiu-me, através das observações e das intervenções realizadas, bem como da documentação pedagógica: 1) perceber a importância de um olhar atento e reflexivo sobre a ação educativa; 2) entender a necessidade de uma constante renovação de estratégias; 3) descobrir lacunas, possibilitando a alteração de estratégias criando uma nova prática.

Através da metodologia adotada, o principal objetivo que foi o enriquecer e o melhorar a minha prática pedagógica, poderá ter sido alcançado de forma satisfatória, na medida em que primou pelo aperfeiçoamento do processo de transmissão de conhecimento que teve como principal destinatário – o aluno. Dado a avaliação dos alunos ser qualitativa, o meu relato no que diz respeito aos resultados obtidos no 1º Ciclo, prende-se apenas com uma descrição da minha observação face ao comportamento dos alunos perante o meu trabalho enquanto estagiária. Como se pode verificar pela análise dos planos de aula já referenciados, tentei sempre criar experiências musicalmente ricas e que, sobretudo, de forma integrada, contribuíssem para a aquisição de aprendizagens significativas. Como também já foi referido, a relação interpessoal desenvolvida com os

alunos foi fundamental para a consecução dos objetivos traçados. Criei nestes alunos o gosto pela vivência da música e de um pouco de tudo o que ela pode oferecer. Perante o trabalho realizado, posso afirmar que foi possível contribuir para o desenvolvimento musical do aluno alcançando assim os objetivos definidos.

Os alunos manifestaram grande interesse nas aulas de Expressão Musical, pelo que toda a turma, mostrava sempre vontade de participar nas atividades apresentadas, incluindo as extra-curriculares. Entenda-se por extra-curriculares, quer aquelas que se realizam na escola mas fora da sala de aula e que constam no Plano Anual de Atividades, quer a nível da cidade através de convites feitos às escolas solicitando a participação dos alunos em eventos promovidos pela Câmara Municipal e outras entidades.

Outro aspeto muito interessante, foi o envolvimento dos encarregados de educação na elaboração do guarda-roupa para os diferentes trabalhos apresentados, bem como a dedicação constante em toda e qualquer atividade sempre que solicitados. Esta disponibilidade era fruto do *feedback* e dos comentários proferidos pelos seus educandos nas respetivas casas após o término das suas atividades letivas, todos eles abonatórios da Expressão Musical.

Talvez seja interessante mencionar alguns comentários orais que me foram transmitidos pelos encarregados de educação aquando da sua visita à sala de expressão musical e que podem espelhar, julgo, os resultados obtidos ao longo da minha prática neste nível de ensino:

- Mãe! É tão fixe a aula de música!
- Quero ser como a Sandra! Queria ter música todos os dias!;
- Mãe, o dia da semana que gosto mais é a quinta-feira! Adoro as aulas de música!
- Olha, ouve esta canção que a Sandra ensinou hoje, tão gira, a música é espetacular!

Frases como estas são uma constante, não só para os pais e/ou encarregados de educação mas também em contexto escolar, nomeadamente para os professores titulares, funcionários, entre si e para mim própria. Devo também referir que fui frequentemente abordada pela professora titular da turma onde desenvolvi a minha prática, que me referiu o seu agrado pelo desempenho dos alunos na sua aula após as aulas da área em questão. Os alunos manifestavam-se mais concentrados e conseqüentemente mais recetivos às aprendizagens, revelando também um comportamento mais estável.

## **IV. EXPERIÊNCIA CURRICULAR NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

Tendo já efetuado estágio no decorrer da minha Licenciatura em Professores do Ensino Básico, Variante Educação Musical (como já foi referido anteriormente), pretendo neste capítulo explanar as minhas experiências curriculares desenvolvidas neste ciclo de ensino.

#### IV.1. Contexto

Segundo informação retirada do Projeto Educativo da escola, a cidade de Bragança teve



Fig.6 - Castelo de Bragança

origem a partir de dois núcleos: um dos núcleos a cidade e o outro a vila.

Era uma povoação neolítica e serviu de base a uma cidade romana. Com as invasões bárbaras e guerras entre mouros e cristãos, desapareceu. Em 1130 foi restaurada, no alto de um outeiro a centenas de metros.

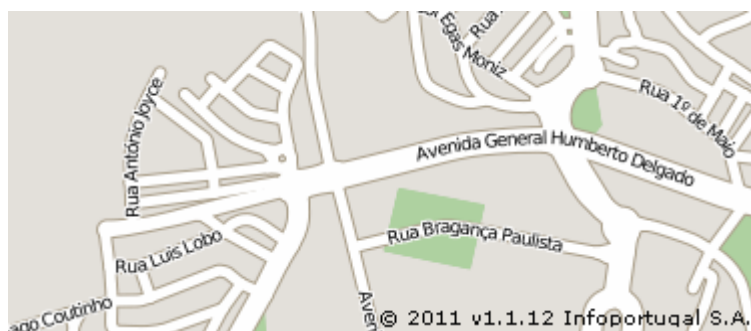
Surgiu a vila de Benquerenças e edificou-se o castelo (Fig.6) <sup>16</sup>, onde se encontra a Domus Municipalis (séc. XIII). Á volta do castelo e dentro das muralhas cresceu a vila, e alargou-se aos espaços exteriores. A cidade extinta voltou a nascer e não tardou que as duas povoações se unissem, e o nome que ficou foi o da mais antiga.

A concessão de título de cidade foi dada por D. Afonso V em 1464. Em 1560 construiu-se o colégio dos Jesuítas, entretanto Bragança foi crescendo. Bragança é uma cidade transmontana, sede de concelho e capital de distrito que dista 255 km do Porto e 515 km de Lisboa.

A Escola EB 2,3 Paulo Quintela é um estabelecimento de ensino público, fundado em 1983, situada num dos pontos mais altos da cidade de Bragança (fig.6) <sup>17</sup>, na Avenida General Humberto Delgado.

<sup>16</sup>[https://www.google.pt/?gfe\\_rd=cr&ei=4FbiU9OoJ8Pe8gfkxYDIBw&gws\\_rd=ssl#q=castelo+de+bragan%C3%A7a](https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=4FbiU9OoJ8Pe8gfkxYDIBw&gws_rd=ssl#q=castelo+de+bragan%C3%A7a), acedido em 20 de Maio de 2014

<sup>17</sup>[https://www.google.pt/?gfe\\_rd=cr&ei=4FbiU9OoJ8Pe8gfkxYDIBw&gws\\_rd=ssl#q=mapa+de+localiza%C3%A7%C3%A3o+da+escola+Paulo+Quintela+bragan%C3%A7a](https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=4FbiU9OoJ8Pe8gfkxYDIBw&gws_rd=ssl#q=mapa+de+localiza%C3%A7%C3%A3o+da+escola+Paulo+Quintela+bragan%C3%A7a) Foto retirada da Internet, acedido em 20 de maio de 2013



**Fig.7 - Mapa de localização da EB 2,3 Paulo Quintela**

A cidade e toda a zona envolvente incluem-se na chamada Terra Fria, designação que exprime bem as condições climáticas rigorosas que marcam esta região. Também nesta cidade era seu patrono Paulo Manuel Pires Quintela que nasceu em Bragança em 1905 e veio mais tarde a falecer em Coimbra no ano de 1987. Estudou na Universidade de Berlim por alguns anos mas veio a formar-se na Faculdade de Letras de Coimbra, onde se estabeleceu como professor a partir de 1933. Pouco tempo passou em Bragança. Foi professor extraordinário de Filologia Germânica, desde 1942 e doutorou-se em 1947. De 1938 a 1968 foi diretor artístico do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Em 1960 o Goethe Institut concedeu-lhe a medalha de prata e, em 1973, a medalha de ouro e em homenagem a este senhor esta escola ficou com o seu nome.

## A Escola



Fig.8 - Escola EB 2,3 Paulo Quintela

A mesma fonte - Projeto Educativo - refere que a escola (fig. 8)<sup>18</sup> iniciou a sua atividade no ano letivo de 1983/84 como Escola Preparatória n.º 2, lecionando os 5º e 6º anos de escolaridade.

Devido à explosão demográfica e à universalidade da educação, que surgiram nesta época, tornou-se necessário construir esta Escola, inaugurada em Novembro de 1983, que escolheu como patrono um brigantino de destaque na tradução de obras alemãs e professor universitário de grande renome. Em 1991/92 a sua atividade foi alargada ao 7º ano e, em Setembro de 1997, passou a EB 2,3, lecionando até ao 9º ano.

Um dos problemas mais prementes, desde o início da sua construção e durante muitos anos, foi o carácter provisório das suas instalações e a sua inadequação às condições climáticas da região, acrescendo ainda o aquecimento bastante deficiente e a inexistência de um pavilhão gimnodesportivo e de laboratórios de Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas. Contudo estes problemas foram resolvidos. Em Fevereiro de 2002 foi inaugurado o Pavilhão Gimnodesportivo. Posteriormente foi implementado o projeto de ampliação e remodelação da Escola que terminou no final de 2003.

Atualmente a Escola possui ótimas condições de trabalho: um Pavilhão Gimnodesportivo, um Auditório, uma Biblioteca com as condições exigidas para pertencer à Rede Nacional de Bibliotecas, duas salas de Informática, laboratórios

---

<sup>18</sup>[https://www.google.pt/?gfe\\_rd=cr&ei=4FbiU9OoJ8Pe8gfkxYDIBw&gws\\_rd=ssl#q=escola+paulo+quintela+bragan%C3%A7a](https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=4FbiU9OoJ8Pe8gfkxYDIBw&gws_rd=ssl#q=escola+paulo+quintela+bragan%C3%A7a), acedido em 20 de maio de 2013

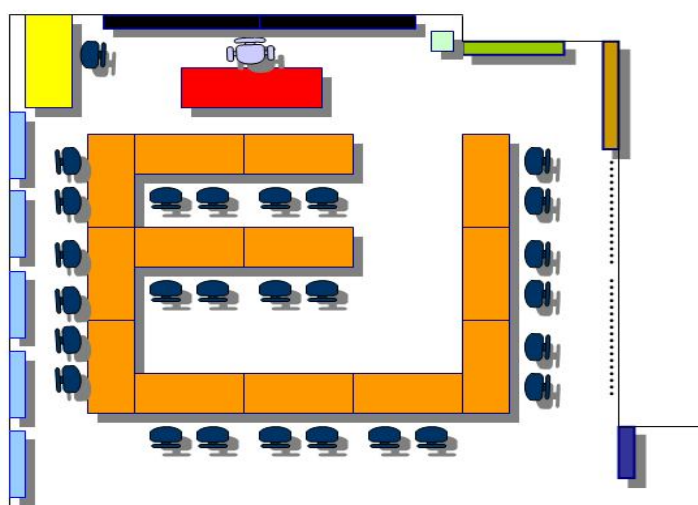
devidamente equipados, aquecimento eficaz e espaços verdes exteriores devidamente tratados.

Em Setembro de 2003, começou a funcionar como Agrupamento de Escolas Paulo Quintela, sendo constituído pela escola sede (EB 2,3), 10 centros escolares do 1º ciclo e 3 escolas do ensino pré-escolar, englobando cerca de 1200 alunos, 150 professores e 50 elementos de pessoal não docente.

A Escola proporciona, o funcionamento de Clubes que procuram ir ao encontro dos interesses dos alunos: Música, Jornalismo, Internet e Fotografia Digital, Ambiente, Matemática, Culinária, Pintura, Labores e Desporto Escolar. Para além destas atividades, os alunos ainda podem usufruir, no convívio, de matraquilhos, pingue-pongue, jogos diversos e TV Cabo projetada em ecrã panorâmico.

### **A Sala de Aula**

A sala de aula onde foi realizada a minha prática pedagógica, encontrava-se na altura em boas condições, no entanto tinha pouca luminosidade, uma vez que, as duas janelas que possuía se encontravam no cimo da parede junto ao teto e de forma retangulares na horizontal. Esta sala tinha uma arrecadação que era utilizada para guardar os instrumentos musicais: instrumental Orff – jogos de sinos dos quais um cromático, metalofones, xilofones, 1 bombo, clavas, caixas chinesas, blocos de dois sons, maracas, bongós, pandeiretas, tamborins, triângulos, reco-recos, flautas de bisel e castanholas. Existiam também teclados e guitarras. Relativamente a outro tipo de material didático, na sala existia um computador, um rádio e um retroprojeter. No pavilhão estava disponível uma televisão e um vídeo que poderiam ser sempre usados desde que requisitados previamente.



**Fig.9 - Planta da sala de aula**

Legenda:

■	Quadros Negros	■	Carteiras dos alunos
■	Porta da sala	■	Lixo
■	Porta da arrecadação	■	Janelas
■	Secretária da professora	■	Placar
■	Computador e rádio	⋯	Cabides (Bengaleiro)

## A Turma

A turma do 5ºG da Escola E.B. 2,3 Paulo Quintela era constituída por 19 alunos, 9 dos quais eram rapazes e 10 raparigas. Era portanto, uma turma homogénea. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

A nível comportamental, estes alunos eram no geral bastante faladores, dispersando-se facilmente. Exigiam um controlo constante e uma atenção redobrada por parte do professor, para que assim conseguissem manter a atenção pretendida. No entanto, eram alunos participativos e facilmente assimilavam a matéria lecionada. De um modo geral, era uma turma com um comportamento satisfatório e aproveitamento escolar bom, sem aspetos problemáticos de grande relevância<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Informação retirada da ata da reunião de avaliação do 1º período, dezembro 2002

## IV.2. Enquadramento da Prática Desenvolvida

A minha prática pedagógica desenvolvida no 2º Ciclo do EB decorreu durante o ano letivo de 2002/2003, correspondente ao meu 4.º e último ano da licenciatura, com uma turma do 5º ano de escolaridade.

Tal como consta na última reorganização curricular do ensino básico (decreto-lei n.º 94/2011), a Educação Musical está integrada na área da Educação Artística e Tecnológica, com a carga horária semanal de  $1,5 \times 90$  minutos (MEC, 2011).

O programa de Educação Musical do 2.º ciclo, criado em 1991, atribui à disciplina um carácter teórico-prático e está organizado por níveis de espiral em que cada nível envolve um campo de compreensão musical mais alargado e complexo. Para o 5.º ano destina-se a abordagem do nível I ao nível VI. O processo de ensino-aprendizagem deve ser aberto, não restritivo e sempre disponível a novas informações mediante a sensibilidade e interesses do professor e dos alunos (Ministério da Educação-DGEBS, 1991).

Os documentos que serviram de orientação para a prática neste nível de ensino foram, essencialmente, a planificação anual da disciplina do 5º ano de escolaridade.<sup>20</sup>

De acordo com a matéria já lecionada pelo professor da turma, os conteúdos e atividades da minha Prática Pedagógica desenvolveram-se em torno das seguintes unidades didáticas: História da Música – Idade Média; Altura – os sons Dó grave e ré grave na pauta e na flauta; Melodia e Harmonia.

Para além das aulas e ao longo da prática desenvolvida, houve sempre uma participação ativa da minha parte, nas atividades extracurriculares que foram sendo desenvolvidas na e pela escola, como: a comunhão Pascal e a Festa da Música.

Para cada uma destas áreas, o programa de educação musical explicita a forma como se podem desenvolver as mesmas e apresenta alguns exemplos. Na área da composição, o professor “...motivará os alunos para a criação de pequenas peças musicais que envolvam de forma mais ou menos abrangente os conceitos de Timbre, Dinâmica, Altura, Ritmo e Forma.” (Ministério da Educação-DGEBS, 1991, p.9).

---

<sup>20</sup> Ver [Anexo 5] – Planificação anual de 5ºano

Na minha opinião, a área da audição deve desenvolver-se em todo o tipo de actividades, sendo importante que o professor grave as realizações dos alunos para que se ouçam a si mesmos e promovam o seu próprio progresso.

Na área da interpretação, o programa refere como fundamentais ao seu desenvolvimento as componentes estética, afetiva e social:

A interpretação pressupõe a descodificação da linguagem musical escrita, ou seja, o conhecimento dos símbolos e a capacidade de os transformar em som. No entanto também é importante interpretar música não escrita (música que não a da tradição “clássica” ocidental), porque existe um património musical que não pode ser ignorado, nomeadamente música da tradição oral e música improvisada. (ME-DGEBS,1991, p.9)

Desde 1991 que o programa se vem atualizando. Mas, apenas em 2001 surgiram novas propostas através do CNEB atualizando assim o ensino da música no 2º ciclo.

Relativamente à interpretação e comunicação, foi sempre meu objetivo, incutir no aluno hábitos de trabalho, tendo como objetivo a apresentação pública das atividades desenvolvidas, tal como sugere o programa de educação musical do 2º ciclo (Ministério da Educação-DEB, 2001a).

### **IV.3. Experiencias Letivas**

Devo referir que, além de esta ser a primeira vez que fui sujeita a uma avaliação como profissional no ensino, não foi a primeira vez que lecionei a disciplina de Educação Musical no 2º Ciclo. Já no ano letivo de 1998/1999, fui chamada para uma substituição de um professor de Educação Musical para lecionar a disciplina numa turma de 6ºano. Nesta altura, as exigências ao nível da formação profissional para este cargo, eram ainda mínimas. Com o ensino Secundário, 19 anos de idade e com o 5º grau de formação musical pelo Conservatório de Música do Porto, e uma vez que as escolas podiam contratar diretamente o professor sem que fosse sujeito ao Concurso Nacional, reunia assim as condições mínimas necessárias para lecionar a disciplina de Educação Musical. Foi então esta a minha primeira e embrionária experiência como docente da disciplina. O estágio desenvolvido no 2º ciclo teve início com duas semanas de observação para poder conhecer minimamente a turma e o contexto da aula de educação musical, para

uma melhor programação dos conteúdos a lecionar e das tarefas a desenvolver nas aulas seguintes.

Na primeira aula, como seria de esperar, senti-me um pouco nervosa, pois se por um lado não conhecia bem os alunos, por outro estava a ser avaliada, facto que me intimidava bastante. Ainda que, a relação que tinha e tenho, com a professora Isabel Castro, fosse de uma grande empatia, existia também um enorme respeito e admiração. Esta estreita ligação não me dava margem para falhas, sentindo até uma acrescida responsabilidade de exercer um bom trabalho não só perante, e essencialmente para os alunos, mas também para o Professor Supervisor. Contudo, o fator “nervosismo” foi sendo atenuado à medida que me ia sentindo mais confiante. Todo meu trabalho a realizar no decorrer desta prática pedagógica, foi previamente pensado e estruturado de acordo com os conteúdos a lecionar, e devidamente descrito nas respetivas planificações.

As aulas iniciavam-se com a chamada e respetiva marcação de faltas se assim necessário e posteriormente a escrita do sumário no quadro, sendo este copiado pelos alunos para o seu caderno diário. Esta tarefa proporcionava uma melhor organização do caderno dos alunos para o estudo ou consulta quando necessário, dando assim prosseguimento às aulas até então lecionadas pelo professor cooperante Eduardo Alves, às quais também ele iria dar continuidade.

Uma das minhas preocupações no desenrolar das aulas, foi se teria tempo para realizar todas as atividades planificadas e se conseguiria explorá-las do modo com tinha idealizado. Contudo, para minha grande satisfação e proveito dos alunos, acabei sempre por conseguir fazê-lo. Procurei, dentro do cumprimento das planificações<sup>21</sup>, ser flexível e manter um equilíbrio entre a transmissão dos conhecimentos e o nível de compreensão dos alunos, tentando moldar-me e adaptar-me ao ritmo de aprendizagem de cada um. Considero que só desta forma se vai de encontro às necessidades da turma e dos alunos, bem como ao sucesso das atividades a desenvolver.

Foi também minha preocupação, lecionar sempre de um modo apazível, todos os temas, principalmente os menos atrativos para os alunos, não sendo no entanto menos interessantes e importantes para o seu enriquecimento ao nível do conhecimento e cultura musical, como por exemplo, a História da Música. Nesta unidade didática,

---

<sup>21</sup> Ver [Apêndice 2] – Planificações de aula de 5º Ciclo

trabalhei a música na Idade Média, que tinha como principais objetivos, compreendê-la, contextualizá-la historicamente e identificá-la auditivamente.

Nesta altura (ano letivo 2002/2003) não existindo ainda nas escolas os quadros interativos, que são hoje uma excelente ferramenta de trabalho na sala de aula, usei os acetatos<sup>22</sup> e o retroprojetor como recurso para a apresentação do tema em questão. Como já referi anteriormente, sendo este um tema pouco atrativo para os alunos, considerei que os acetatos seriam uma boa solução para lecionar este conteúdo de forma aprazível, onde juntamente com o texto que fazia a abordagem à Música na Idade Média, apareciam também imagens alusivas ao tema para que de modo mais suave e aliciante, captasse a atenção dos alunos no decorrer da leitura e interpretação do respetivo texto.

Posteriormente, e em alguns momentos ao mesmo tempo até, em conformidade e no seguimento do texto, fui apresentando alguns Cantos Gregorianos e excertos de músicas do grupo *Enigma* com características algo mais atuais e interessantes para alunos com estas idades, valorizando sempre a importância da motivação para o sucesso na aprendizagem. Como professora de Educação Musical, não poderia deixar de focar de forma particular a motivação relacionada com a aprendizagem específica no campo da Música e simultaneamente da importância que a mesma exerce na motivação para a aprendizagem dos alunos:

A motivação é um processo que orienta todo o tipo de atividade humana, por meio de fatores intrínsecos e/ou extrínsecos, que asseguram ao indivíduo a qualidade da persistência e o direcionamento da atenção para o desenvolvimento das mais diversas atividades. Sendo assim, os processos motivacionais são significativos para o estudo e a compreensão de aspetos vinculados às práticas de ensino e aprendizagem. (Araújo, 2010, p.23)

Ciente de que nunca poderia resolver todos os problemas de falta de motivação, tinha certamente uma grande responsabilidade neste domínio, pelo que o meu contributo era essencial, mantendo sempre, no decorrer da minha Prática Pedagógica, este fator como minha preocupação primordial para o sucesso escolar dos alunos.

Ainda nesta primeira sessão de estágio abordei o conteúdo programático – Altura- com a aprendizagem dos sons Dó grave e Ré grave na pauta e interpretação dos mesmos na

---

<sup>22</sup> Ver [Apêndice 3] – Acetatos sobre a Idade Média

flauta. Da mesma forma, com a projeção dos acetatos<sup>23</sup>, apresentei imagens com as posições das respectivas notas na pauta e na flauta, procedendo em simultâneo à sua explicação, para melhor compreensão do conceito supracitado, relacionando-os, quer na pauta quer auditivamente cantando ou tocando na flauta, com os sons já anteriormente estudados. O estudo destes sons foi consolidado na aula seguinte, fazendo parte da planificação, com a interpretação da peça *Como faz o carpinteiro*<sup>24</sup> do pedagogo Jos Wuytack, tendo como objetivo utilizar a prática para reforçar a aprendizagem deste conteúdo. Esta peça foi executada não só na flauta mas também com instrumental Orff e voz. Trabalhei as diferentes partes da peça separadamente, dividindo a turma em três grupos distribuídos pela flauta, lâminas e percussão respetivamente, em simultâneo com a voz. Sendo a disciplina de Educação Musical uma disciplina de caráter prático, é de prever que as atividades práticas estarão sempre presentes na abordagem teórica de qualquer conteúdo.

Voltando a focar o fator motivação, sempre valorizei e defendi que quanto mais práticas forem as aulas mais benéfico é para as crianças, quer ao nível físico e psicológico, quer a nível da compreensão e retenção das matérias abordadas, permitindo à criança aplicar as aprendizagens em situações concretas e reais.

Para mim, é essencial que o aluno reconheça a importância das expressões ao nível instrumental e vocal. A valorização destas práticas parte obviamente de nós profissionais desta área. Pessoalmente, e talvez porque sempre gostei muito de cantar, procurei em todas as aulas apresentar uma atividade vocal, explorando o melhor do ser humano: a voz.

A voz é um instrumento maravilhoso e simples que nos permite exprimir todos os sentimentos:

Enquanto expressão artística, a voz humana faz-nos entrar, através das diferentes formas de canto, num mundo de sensações etéreas, indizíveis, que não individualizamos nem caracterizamos. Sensações puras e únicas, porque muito embora repetidas são sempre diferentes uma vez que resultam da interação do nosso “estado de alma” com a fluidez das sonoridades que nos chegam moduladas pela voz humana através do canto. (Sá, 1997, p.7)

---

<sup>23</sup> Ver [Apêndice 4] – Representação das notas Dó grave e Ré grave na pauta e na flauta

<sup>24</sup> Ver [Apêndice 5] – Partitura da canção “Como faz o carpinteiro”

A prática do canto constitui assim a base da expressão musical, pelo que, quanto mais explorada for, melhor. Em conformidade com a minha opinião relativamente a este instrumento fulcral na vida do ser humano, no decorrer destas duas aulas foram sendo estudadas canções para a Comunhão Pascal, atividade planificada pela escola. Assim, pude explorar a prática vocal em simultâneo com os conteúdos a serem lecionados, fazendo articulação dos mesmos sempre que possível. A Comunhão Pascal era uma das atividades que envolviam toda a comunidade escolar. Como docente da disciplina de Educação Musical, ainda que estagiária, não podia deixar de me empenhar na organização e dinamização deste evento, incidindo na parte musical, sem, não obstante, descurar a parte litúrgica não cantada da cerimónia. É de referir que os alunos aderiram com bastante interesse e entusiasmo, mostrando-se sempre motivados para a aprendizagem das canções. Esta foi uma atividade que surtiu um efeito bastante positivo tanto nos alunos em questão como em toda a comunidade escolar tendo assim o sucesso pretendido.

Na aula seguinte lecionei a unidade didática Melodia e Harmonia onde defini como objetivos, a compreensão dos conceitos de Melodia e Harmonia, bem como a identificação gráfica e auditiva dos mesmos. Sempre achei importante que a compreensão das matérias e até de certas palavras usadas na linguagem musical pouco ou nada conhecidas dos alunos fosse adaptada ou associada a outros conceitos ou situações do dia-a-dia. Deste modo, comecei por explicar o significado das palavras Melodia e Harmonia no seu sentido lato, explorando e ouvindo as opiniões dos alunos, aplicando assim estes termos a situações do quotidiano, como por exemplo, a harmonia no lar, na decoração, na combinação do vestuário, ambiente harmonioso, voz melodiosa, etc.

Posteriormente, e depois de entendidos os significados das referidas palavras, apliquei os conceitos naquilo que realmente se pretendia na música. Neste caso optei por ir da prática à teoria. Achei por bem apresentar alguns exemplos instrumentais gravados de Harmonia e Melodia. Ao mesmo tempo que os alunos ouviam as músicas, eu ia fazendo referência aos termos em questão, explicando as diferenças entre Harmonia e Melodia. Só depois de aferir que realmente conseguiam identificar e fazer a distinção auditivamente entre Melodia e Harmonia, passei à explicação e apresentação gráfica<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Ver [Apêndice 6] – Representação gráfica dos conteúdos Melodia e Harmonia

dos conceitos teóricos em questão, através da representação gráfica passando depois para a sua representação na pauta.

Assim, a abordagem deste conteúdo na teoria foi bastante simples e de fácil compreensão e assimilação para os alunos. Passando concretamente à sua aplicação na prática instrumental, utilizei uma peça<sup>26</sup> composta por mim, que tinha como objetivo ser apresentada no final do ano letivo na “Festa da Música”. Esta peça foi escrita para flauta, lâminas e percussão, com o conteúdo pretendido mas com um grau de dificuldade mínimo para que os alunos pudessem sentir resultados rapidamente e deste modo ficarem motivados para a atividade a realizar e até para a aprendizagem de um novo trabalho.

O facto de utilizar uma peça em que o objetivo era ser apresentada em público na festa de final de ano, fez com que alunos sentissem que aquela aprendizagem foi útil e essencial para a interpretação de uma melodia a oferecer à comunidade escolar, onde iriam sentir-se valorizados e reconhecidos pelo seu trabalho. Pelo que, as atividades para além da sala de aula são uma mais-valia para a formação global do aluno.

De um modo geral, as atividades práticas desenvolvidas neste período de estágio envolveram a prática vocal e instrumental, atividades de audição e outras, baseando-me sempre nos conceitos no âmbito da teoria musical. Estes conceitos teóricos eram sempre registados no caderno diário para posterior consulta ou estudo como preparação para o momento de avaliação.

---

<sup>26</sup> Ver [Apêndice 7] – Partitura da Peça “Ouvi um Segredo”

**V.EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO 3º CICLO DO ENSINO  
BÁSICO**

Dado que possuo experiência profissional no 3º Ciclo, correspondente ao tempo de serviço de 5 anos letivos, foi-me concedida a dispensa de frequentar o estágio profissional neste nível de ensino. Deste modo, farei uma exposição neste capítulo, nos mesmos termos que a descrição referente aos 1º e 2º ciclos, de todo o trabalho desenvolvido no âmbito da supramencionada experiência profissional.

## V.1. Contexto

Tal como consta no Projeto Educativo da Escola EB2,3/s DR. Bento da Cruz, a mesma situa-se no concelho de Montalegre, no distrito de Vila Real. Está integrado no Planalto do Barroso, na sub-região de Trás-os-Montes. Com uma área total de 816 Km<sup>2</sup>, confina



Fig.10 - Mapa do Concelho de Montalegre

a norte com a província da Galiza, Espanha, e com os concelhos de Terras de Bouro, Vieira do Minho, Cabeceiras de Basto, Boticas e Chaves.

Situa-se a uma altitude média que ronda os 1000 metros e a sua população, com 12762 habitantes (2001), está distribuída por 35 freguesias, compostas por 136 aldeias.

Nas aldeias subjacentes a Montalegre, a principal atividade a pecuária é a principal fonte de rendimento dos agricultores. O Matadouro Regional do Barroso e Alto Tâmega, no Barracão, veio ajudar a comercializar a carne do Barroso e as diversas feiras, como a Feira do Fumeiro e do Presunto do Barroso, a Feira do Cabrito e a Feira da Vitela dos Lameiros de Barroso são um importante contributo para a débil economia local. Na sede do concelho as atividades dominantes são as do setor secundário e terciário, comércio e serviços respetivamente. A principal empregadora é a Câmara Municipal, bem como as oficinas do ramo automóvel e algumas fábricas existentes na

zona industrial. A restauração também ocupa um lugar de destaque na vida económica do povo Barrosão, dado que a gastronomia é um atrativo desta região, sobretudo na Feira do Fumeiro e do Presunto do Barroso, na Festa do Senhor da Piedade, em Montalegre, no Congresso de Medicina Popular, em Vilar de Perdizes, nos eventos desportivos ligados ao parapente, nomeadamente aquando das provas do campeonato do mundo desta modalidade e nas Chegas de Bois. Os eventos referidos, atraem um número elevado de turistas a Montalegre, pois as atividades ligadas ao turismo constituem iniciativas de significativa animação económica em ritmo crescente.

No contexto cultural, a vida comunitária das aldeias ainda se mantém, sendo as atividades agrícolas próprias do Verão (segada, malhada e arranque das batatas e dos fenos) importantes para a manutenção do folclore local. A taberna e o café substituíram o forno do povo, sendo agora os locais de convívio mais habituais.

Há várias associações culturais que dinamizam o concelho, especialmente durante o calendário festivo anual. As diversas feiras, festas e romarias atraem muitas pessoas, sendo as mais importantes a Feira do Fumeiro e do Presunto do Barroso (como já foi referido), comemoração de todas as sextas-feiras 13 existentes ao longo do ano, a Festa do Senhor da Piedade, em Montalegre, e o Congresso de Medicina Popular, em Vilar de Perdizes.

Há ainda a animação cultural promovida pelas escolas, as atuações da Banda de Parafita e a companhia de teatro Filandorra, de Vila Real, é responsável pela animação nesta área, realizando espetáculos regulares no concelho.

Relativamente ao património histórico-cultural, há vários monumentos que são património classificado como o Castelo de Montalegre, o Mosteiro de Santa Maria das Júnias, em Pitões, o Castro de Pedrário, as Mamoas da Veiga, a Via Romana de Braga a Chaves e a Ponte da Misarela.

## A Escola



**Fig.11 - Escola EB 2,3/S Dr. Bento da Cruz**

A escola EB2,3/S Dr. Bento da Cruz (Fig.11) <sup>27</sup> está geograficamente bem localizada, porque se situa num local pouco movimentado, não havendo muitas perturbações exteriores. Foi construída há 20 anos, apresentando já sinais de alguma degradação. O modelo de construção comporta tetos muito altos, vedação de portas e janelas pouco adequadas ao clima da região e deficiente orientação em termos de aproveitamento luminoso, faz com que o sistema de aquecimento nem sempre seja eficaz.

O edifício da Escola é constituído por um corpo central onde funcionam os gabinetes do Direção Executiva e Assessores, os Serviços Administrativos, o gabinete de Contabilidade, a sala de Professores, a sala dos Diretores de Turma, os serviços de Reprografia e Papelaria, o gabinete de apoio ao Serviço da Ação Social Escolar, os espaços do Refeitório e do Bar, sala de exposições para além de uma significativa área polivalente que inclui um palco (que foi adaptado a sala de estudo quando não é usado para fins recreativos) e por 2 sectores diretamente orientados para as atividades letivas. Possui, ainda, um espaço polidesportivo exterior, um ginásio, os respetivos balneários e um gabinete de Educação Física.

Para além deste corpo central a escola integra mais dois pavilhões, um de construção antiga e outro mais recente, este construído em 2006/2007 a fim de integrar os alunos do 2.º ciclo do ensino básico. Deste fazem parte salas de aula, a biblioteca, a sala de

---

<sup>27</sup> Informação e foto retirada do Projeto Educativo da Escola EB2,3/s DR. Bento da Cruz em 24 de Junho 2012

música, o gabinete de Educação Especial, o auditório, uma sala equipada com computadores - o Espaço Mais e instalações sanitárias. Dada a sua construção mais recente está adaptado a indivíduos com Necessidades Educativas Especiais, existindo um elevador nas escadas para facilitar o acesso em cadeira de rodas ao 1.º piso, bem como adaptações nas casas de banho. O outro pavilhão, maioritariamente frequentado por alunos do 3.º Ciclo e secundário, é apenas constituído por salas de aula e instalações sanitárias.

Atendendo ao facto de o concelho ser muito extenso geograficamente, os alunos têm de percorrer longas distâncias casa-escola e escola-casa. As deslocações dos alunos para a escola são feitas, maioritariamente, por transporte escolar.<sup>28</sup>

### **A Sala de Aula**

A sala de música situa-se no pavilhão do 2.º ciclo, ao lado da biblioteca. É uma sala grande, com as mesas dispostas em U e um espaço amplo no meio. Possui uma secretária para o professor, três quadros (um branco, outro de giz e um pautado), dois armários, um projetor multimédia e um retroprojetor.

No que respeita ao material didático-musical tinha à disposição um rádio leitor de cd's, um teclado, um acordeão, uma guitarra, flautas de bisel, cavaquinhos, e vários instrumentos de percussão: bombos, adufe, clavas, pandeiretas, reco-recos, xilofones, metalofones, jogos de sinos, triângulos, um temple block, castanholas, caixas chinesas, bloco de sois sons, entre outros.

A sala tem grandes janelas pelo que se usufrui sempre de luz natural. Embora tenha enormes dimensões, é um espaço muito acolhedor. A decorá-la tem instrumentos musicais em tamanho normal, feitos em esferovite, na área de projeto de uma das turmas que eu lecionava.

---

<sup>28</sup> Informação recolhida do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Montalegre 2009/2012, cedido pela Coordenadora de Departamento.

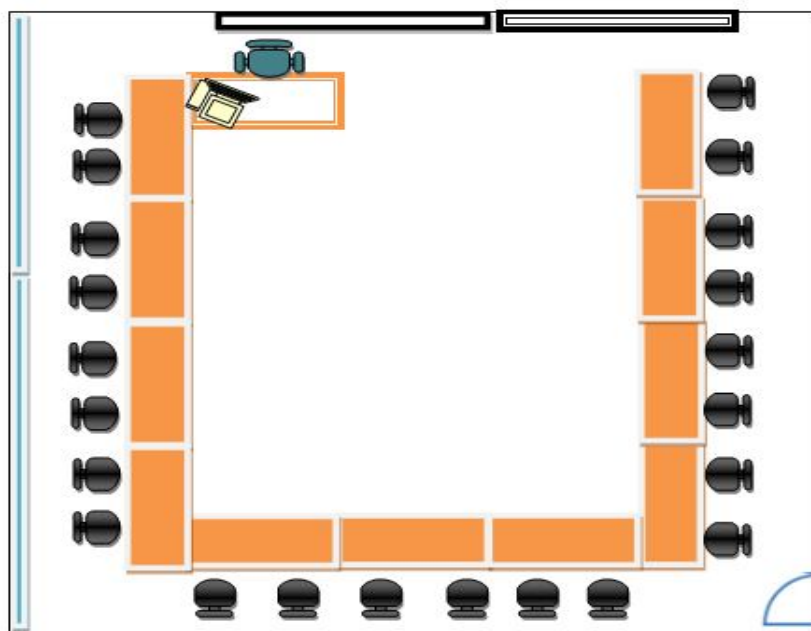


Fig.12 - Planta da sala de aula

## A Turma

A turma que vou descrever como exemplo da minha Prática Pedagógica no 3º Ciclo – 8ºB – da qual fui Diretora de turma, era formada por 22 alunos, 16 rapazes e 6 raparigas. A composição da turma era homogénea, onde a média de idades se situava entre os 13 e os 14 anos de idade, à exceção de dois alunos com 16 anos e dois com 15 anos de idade. Para obter uma melhor caracterização do contexto em que nos movíamos mencionam-se a seguir algumas variáveis relativas ao ambiente familiar, tais como o nível académico, a profissão e a estrutura familiar.

Quanto ao nível académico dos encarregados de educação e/ou pais dos elementos da turma, 50% concluíram o 4º ano de escolaridade. Dos restantes, o nível académico varia entre o 5º e o 6º ano do atual Ensino Básico, o 9ºano, 11º, 12º e Ensino Superior. Quatro dos Encarregados de educação concluíram o 9º ano, dois concluíram o 11º ano, um concluiu o 12º ano do Ensino Secundário e dois apresentam Licenciatura em Engenharia e Direito (advogado). Relativamente às profissões, estas incidem essencialmente, na construção civil e na agricultura, verificando-se também uma predominância de mães domésticas. Quanto ao núcleo familiar, verifica-se que a maioria dos alunos vive com os

pais, irmãos e avós. Estes alunos são na sua grande maioria, oriundos de aldeias circundantes de Montalegre e são transportados de autocarro. Apenas 8 alunos vivem na vila, deslocando-se a pé ou de carro.

No que se refere propriamente aos alunos, estes eram crianças meigas, simpáticas, afáveis...alunos que me deixaram muita saudade e até uma certa nostalgia ao relembrar agora aquelas crianças ou adolescentes que, talvez por ter sido Diretora de Turma, se tenha estabelecido uma relação mais estreita, de amizade até, em que muitos vinham ter comigo para desabafar sobre assuntos pessoais e próprios da idade, onde eu desempenhava o papel de amiga e tentava, dentro do possível, dar os melhores conselhos. Graças a esta relação, os problemas de comportamento eram de alguma forma minimizados e resolvidos com passividade dentro de um diálogo aberto, consciencializando-os dos seus atos. A sua atitude e expetativas em relação à escola eram algo ambiciosas. Em termos de futuro, eram muito poucos os que não sabiam o que queriam ser ou fazer na sua vida profissional. As suas ambições residiam entre Psicólogos, Cirurgiões, Jogadores de Futebol, Médicos, Professores, Mecânicos, Advogados, Atores, Engenheiros e Eletricistas.

Estes alunos constituíam um grupo bastante coeso no que concerne ao seu relacionamento pessoal. Era uma turma bastante unida, onde se estabelecia uma relação de amizade, permitindo assim uma melhor e eficaz participação nas atividades propostas e desenvolvidas ao longo do ano. Manifestavam alguma autonomia, espírito de responsabilidade e iniciativa, participando com agrado nas atividades. No que respeita ao contexto sala de aula, eram bastante faladores e um pouco desorganizados na sua participação o que, por vezes, acabava por perturbar a concentração e consequentemente o bom funcionamento das aulas, refletindo-se à posterior no aproveitamento que, em alguns casos, poderia ser bastante acima do que realmente era conseguido nos momentos de avaliação. Este facto foi por assim dizer, a minha batalha ao longo do ano letivo. Nas aulas de Formação Cívica, tentava estabelecer um diálogo aberto onde todos pudessem expor os seus problemas e opiniões, e onde eu como Diretora de Turma tentava inculcar conceitos de civismo e responsabilidade, para que assim fossem colmatadas algumas falhas ao nível da concentração e atenção em défice na sala de aula e para que, naturalmente, os alunos pudessem auferir melhores resultados escolares. Deste modo assumi este meu cargo com muita responsabilidade

tentando sempre cumprir com os meus deveres, como de resto consta na legislação, “. . . e) Coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu carácter globalizante e integrador.”<sup>29</sup>

## **V.2. Enquadramento da Prática Desenvolvida**

Atualmente e segundo o Decreto-Lei n.º 94/2011 de 3 de Agosto<sup>30</sup>, a música está presente nos três ciclos do ensino básico.

Quanto ao 3º ciclo e segundo a reorganização do ensino básico para o ano letivo de 2011/2012, esta pode ser ou não uma oferta da escola, dependendo se nesta existem professores no quadro para a sua docência.

A minha prática pedagógica no 3º Ciclo do Ensino Básico decorreu durante vários anos, entre eles, algumas vezes em simultâneo com turmas do 2º Ciclo. Portanto, vou aqui referir-me apenas à prática pedagógica desenvolvida na Escola EB 2,3/S Dr. Bento da Cruz, em Montalegre (ano letivo 2007/2008), onde lecionei várias turmas: um sétimo ano, três oitavos e três turmas de nono ano que devido ao reduzido número de alunos incorporavam uma só turma na disciplina de Educação Musical. A descrição das atividades desenvolvidas ao longo desta minha Prática Pedagógica vai incidir sobre a turma do 8ºB, a qual caracterizei anteriormente, onde além de docente da disciplina de Educação Musical, desempenhei também o papel de Diretora de Turma.

Pronunciar-me-ei neste ciclo, de forma generalizada e abrangente sobre as atividades desenvolvidas na sala de aula e no Clube de Música (dinamizado em conjunto com a minha então amiga e colega de grupo, Amélia Rua) onde o meu principal objetivo será defender e expor aqui o meu método de trabalho, em conformidade com os conteúdos planificados e principalmente com o grande objetivo de trabalhar em função dos/e para os alunos, indo de encontro às suas necessidades, preferências e bem-estar.

Ao contrário daquilo que é adotado por algumas escolas, a turma não foi desdobrada em dois grupos, lecionando assim a disciplina de Educação Musical durante todo o ano letivo.

---

<sup>29</sup> Informação recolhida do Decreto Regulamentar n.º10/99 – Artigo 7º Diretor de Turma, p. 8

<sup>30</sup> Consultado em <http://www.gave.min-edu.pt/np3/31.html> a 20 de Fevereiro de 2012.

### V.3. Experiências Letivas

Como referi no ponto anterior “Enquadramento da Prática Desenvolvida”, irei aqui descrever as minhas experiências letivas relativas ao 3º Ciclo do Ensino Básico de uma forma generalizada e abrangente, abordando o trabalho realizado com a turma caracterizada e algumas atividades extracurriculares, nomeadamente as desenvolvidas no e pelo Clube de Música.

O trabalho desenvolvido na turma teve como orientação dois documentos essenciais: as Orientações Programáticas da Música no 3º Ciclo e a Planificação anual do 8º ano de escolaridade<sup>31</sup> em vigor na escola e elaborada anteriormente pelo grupo de Educação Musical. Em conformidade com os respetivos documentos e o manual adotado – MP3 Música para o 3º Ciclo da Porto Editora - para este ano letivo, os temas que lecionei formam: Pop Rock; Música do Mundo; Improvisações; Melodias e Arranjos; Sons e Sentidos.

Tendo por base os objetivos definidos para cada um dos temas nas orientações programáticas, defini para a minha prática, com a devida adequação, os seguintes objetivos:

- Realizar pesquisas acerca dos músicos/bandas e das instituições musicais nos seus contextos;
- Desenvolver a compreensão das culturas musicais no mundo;
- Investigar diferentes contributos da música nas sociedades contemporâneas;
- Analisar e comparar diferentes tipologias musicais, estilos e géneros em relação aos diferentes contextos sociais;
- Compreender os diferentes processos de criação musical através da composição e interpretação;
- Explorar a improvisação musical através da livre interpretação e conhecer os grandes intérpretes do jazz através de pesquisas e audições.

No que concerne ao modo como lecionei as minhas aulas, este foi bastante diversificado. Tendo em conta o tema a bordar, a reação dos alunos aquando da apresentação desse mesmo tema, e conseqüentemente a predisposição à receção e assimilação da informação, fui moldando e “desenhando” as minhas aulas num quadro

---

<sup>31</sup> Ver [Apêndice 8] - Planificação Anual do 8ºano

humano – a turma, para que assim conseguíssemos, nós (professor e turma em união), obter um maior e melhor sucesso escolar. Deste modo, e como já referi anteriormente defendo aqui a flexibilidade e a capacidade de adaptação no modo como se leciona e se desenvolvem as atividades com e para os alunos, sendo este o ponto fulcral de todo um crescimento e desenvolvimento da nossa sociedade.

Nem sempre a parte teórica da aula era exposta no início da mesma, podendo assim começar pela prática para que os próprios alunos chegassem à construção e definição de alguns conteúdos. Assim, e em alguns casos, a compreensão dos temas tornava-se mais acessível. Uma vez realizada a prática, os alunos ficavam com uma noção mais clara e objetiva da teoria. Portanto, as minhas aulas tanto podiam começar pela teoria para a seguir aplicar os conceitos na prática, como partir da prática para chegarem posteriormente à definição de alguns conteúdos. Este facto dependia principalmente do tema a desenvolver, atendendo à margem de manobra que o mesmo permitia para a sua desenvoltura.

Atendendo a que, quanto mais lúdicas forem as aulas maior é o interesse demonstrado pelos alunos e mais fácil é de captar a sua atenção, optei sempre que possível, por lhes proporcionar momentos de aprendizagens diversificados aproveitando todos os recursos materiais de que a escola dispunha. Assim recorri várias vezes a apresentações em *PowerPoint*, mantendo no entanto o diálogo com e entre os alunos, onde estes manifestavam as suas opiniões e expunham as suas dúvidas, por forma a não permitir que esta atividade do tipo expositiva, não os deixasse inativos, mas sim em constante interação.

Relativamente ao módulo – *Pop Rock*, procurei inteirar-me dos conhecimentos e interesses musicais de cada um através do diálogo e convidando-os a apresentarem alguns grupos e temas musicais através de CD's, DVD's, MP3/4, entre outros, de forma a proporcionar o intercâmbio e partilha de gostos e também dos grupos ou temas musicais por alguns até então desconhecidos. Com esta troca de conhecimentos, pudemos assim enriquecer a nossa cultura musical. Nossa, sim. Porque eu como professora também aprendo com os meus alunos. Como diz a sabedoria popular, estamos sempre a aprender.

No decorrer das apresentações audiovisuais e audições de vários grupos e intérpretes referentes a este estilo musical, iam sendo analisadas questões tais como: o historial e

seu aparecimento, as características das canções relativamente aos temas abordados, a sua influência nos jovens daquela época, a base instrumental, alguns intérpretes considerados “reis” da música Pop marcados pela sua singularidade, a música Pop/Rock em Portugal, entre outras questões pertinentes e de natural curiosidade. Realizei diversas atividades práticas como, a interpretação vocal e instrumental (flauta) de clássicos portugueses como *O homem do leme*<sup>32</sup>, *Dunas*, esta acompanhada por mim à guitarra, e outras com suporte instrumental como *Chico fininho* e *Porto Covo* do nosso bem conhecido “pai do rock português” Rui Veloso.

Uma vez que os alunos se mostraram bastante receptivos a este tema, aquando da minha sugestão e instintiva aceitação por parte dos alunos, foram também realizadas atividades de *Karaoke* onde todos participaram, quer em grupo ou individualmente. Sendo este um tema do seu agrado e também o estilo musical mais ouvido entre os jovens, não foi difícil captar e manter a sua atenção.

Como preparação para estas atividades de prática, realizava exercícios de aquecimento vocal, através de vocalizos e exercícios de relaxamento muscular, respiração, afinação e articulação, a partir dos quais se passava à parte prática da aula.

No decorrer do estudo do módulo – Músicas do Mundo, pudemos ficar com uma visão generalizada da música que se tem vindo a fazer pelo mundo:

A música é uma linguagem universal e como tal é entendida rapidamente devido: ao poder da rádio, da televisão e, mais recentemente, da Internet; à rápida comercialização dos discos; à realização de uma grande quantidade de espetáculos ao vivo. É levada de país em país, de continente em continente, por isso sofre as mais variadas influências. (Cabral e Sarmiento, p.20)

Partindo deste pressuposto, as atividades desenvolveram-se através da exploração de outros códigos e convenções, e de pesquisas sobre o modo como a música se propaga pelo Mundo, bem como a análise e comparação de diferentes tipologias musicais, estilos e géneros em relação aos diferentes contextos sociais e o seu contributo nas sociedades contemporâneas. Este foi mais um tema curioso e de interesse para os alunos na medida em que enriqueceu a sua cultura musical e numa visão e estudo mais amplo do tema em questão, permitiu também enriquecer a sua cultura geral.

---

<sup>32</sup> Ver [Anexo 6] – Partitura da canção “O Homem do Leme”

Tendo em conta a faixa etária e a natural realidade destas idades em que os interesses dos alunos são em muitos casos divergentes dos escolares, procurei sempre que possível explorar a parte prática dos temas a desenvolver, para deste modo captar a atenção dos alunos através da motivação, e de alguma forma ir de encontro aos seus interesses. Assim, neste módulo Músicas do Mundo, realizei diversas atividades práticas entre as quais, o canto, a dança, e a parte instrumental dentro daquilo que era possível relativamente aos instrumentos existentes na escola. Foram também explorados alguns DVD's através dos quais os alunos puderam ficar com uma visão mais ampla e definida de alguns tipos de música e dança característicos de determinados países. Tendo já descrito anteriormente o modo como explorei as diversas atividades, não só a título do meu gosto pessoal mas atendendo essencialmente às características e gostos dos alunos, apresento aqui de uma modo generalizado, alguns exemplos de atividades que foram realizadas no âmbito deste módulo, no espaço sala de aula.

### **Música Africana**

- Realização de exercício rítmicos africanos improvisados, utilizando djembés, xilofones, maracas, reco-recos e chocalhos;

### **Música Europeia**

- Música tradicional da Rússia – Exploração da dança *Jimba Papaluszka*<sup>33</sup>;
- Música tradicional da Espanha – Exposição e descrição do “Flamenco”;
- Música Italiana – Exposição da dança “Tarantela”;

### **Música Latino-Americana**

- Brasil – Exploração do tema *Cidade Maravilhosa*<sup>34</sup> com voz e flauta; breves noções do Samba; apresentação de um DVD de “Capoeira”, fazendo referência ao seu aparecimento e significado;
- Cuba - Apresentação de um DVD sobre as danças Latinas e posterior aprendizagem de alguns passos básicos de “Salsa” e “Merengue”;
- México – Interpretação da canção *Que siga la fiesta*<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Ver [Anexo 7] - Partitura da música “Jimba Papaluszka”

<sup>34</sup> Ver [Anexo 8] - Partitura da música “Cidade Maravilhosa”

## Música Norte-Americana

- Interpretação da melodia *Country Roads*<sup>36</sup> na flauta;

No decorrer do desenvolvimento destas atividades de caráter prático e lúdico, o interesse, empenho, gosto, participação e espírito de iniciativa, foi notório por parte dos alunos. No entanto, relativamente às danças, senti alguma dificuldade em fazer com que os rapazes participassem com o mesmo entusiasmo que as raparigas. Estes acoitavam-se um pouco, argumentando que não sabiam ou que não tinham jeito para dançar. Quando na verdade se sentiam intimidados na frente da professora e das meninas da turma, facto que nos causava alguma piada. Com muita insistência da minha parte e desafio das colegas acabaram por participar. E no final até que se mostraram satisfeitos!

Seguindo com os temas planificados para este ano letivo, no módulo – Melodias e Arranjos explorei a canção *The Scientist*<sup>37</sup> do grupo Coldplay, com voz e flauta separadamente em atividades diferentes. Primeiro optei por apresentar a música e verificar se esta era do conhecimento e do agrado dos alunos. Uma vez que este tema passava bastante na comunicação social, especialmente na rádio, já era então do conhecimento de quase todos. Deste modo, o fator motivação estava conseguido.

Perante este facto, defendo que, é de grande relevância a escolha dos temas musicais a explorar para o lecionamento das diversas matérias, tornando-se assim mais vantajosa e eficaz a aprendizagem e assimilação das mesmas.

Quero ressaltar, que esta preocupação sempre me acompanhou em toda a minha prática pedagógica. A escolha minuciosa dos temas musicais a explorar, é crucial para o sucesso escolar. Tanto no que respeita à motivação como à compreensão. Conhecido então o tema, passei à exploração da letra articulando deste modo com a disciplina de Língua Estrangeira I - Inglês. Depois de trabalhada a letra da música e realizada a sua interpretação, prossegui então com o estudo da partitura. Esta foi estudada individualmente e em silêncio durante um curto espaço de tempo de aproximadamente 5m e posteriormente foi analisada em conjunto com a professora. Por fim passamos à

---

<sup>35</sup> Ver [Anexo 9] - Partitura da música “Que siga la fiesta”

<sup>36</sup> Ver [Anexo 10] - Partitura da música “Country Roads”

<sup>37</sup> Ver [Anexo 11] - Partitura e letra da música “Scientist”

interpretação da melodia, faseadamente de forma a facilitar o trabalho e garantir um melhor resultado, até conseguirmos chegar ao aglomerado total da canção.

Na exploração do módulo – Sons e Sentidos, apresentei os exemplos e a teoria que constava no manual, no entanto, relativamente à parte prática, achei mais motivante uma escolha pessoal que tinha em mente na altura. Como este tema se gerava em torno dos processos de criação musical, aproveitei o momento para partilhar com os meus alunos uma experiência que há algum tempo havia vivenciado e que por sinal achei maravilhosa a forma como é possível fazer música – um concerto dos STOMP. Este grupo musical é uma combinação única de percussão, movimento e comédia visual. O seu espetáculo surpreendeu-me no que respeita ao ritmo e ao timbre. Não utilizam um único instrumento, mas objetos do dia-a-dia: vassouras, latões, jornais, latas do lixo, sinais de trânsito, bidons, entre tantos outros objetos.

No decorrer da visualização do DVD na sala de aula, podia ver a admiração e deslumbramento estampado no rosto dos alunos ao verem o que era possível fazer-se com todos aqueles objetos que eles nunca imaginaram sequer poderem ser úteis para fazer música. A atenção deles estava conseguida e por consequente a motivação também. De tal modo que, após a apresentação do DVD não foi necessário propor a atividade prática. Logo começaram automaticamente sem se darem por isso, a bater palmas, bater nas mesas, cadeiras, com os pés no chão e com objetos de que dispunham em cima da mesa. Deixei que dessem largas à sua imaginação e espontaneidade, podendo ver que estavam felizes e satisfeitos com o que tinham visto e com o que estavam a fazer. Apercebendo-me da adesão ao tema exposto, considerei que seria exequível realizar com aqueles alunos, algo de semelhante ao que tinham visto, propondo que fizessem uma recolha de materiais à sua escolha para na aula seguinte dar continuidade à atividade explorando assim as capacidades rítmicas e de improviso de cada um. E assim foi.

Na aula seguinte, os alunos levaram diversos objetos e agruparam-se tendo em conta ao material pelo qual cada objeto era construído, ficando divididos em três grupos de materiais: plástico, madeira e vidro. Posteriormente cada grupo compôs uma frase rítmica de divisão binária com oito tempos cada. Todas as frases rítmicas criadas foram colocadas no quadro para serem trabalhadas por todos os grupos. Após comparar as frases entre si para verificar a viabilidade das mesmas quando executadas

em conjunto, fiz algumas correções para que o resultado final fosse mais lógico do ponto de vista teórico e mais aprazível auditiva e sensitivamente. Por fim, os grupos interpretaram as frases rítmicas em conjunto. Esta atividade despertou grande interesse nos alunos, pelo que foi repetida várias vezes noutras aulas. Foi também com grande satisfação que verifiquei uma evolução bastante significativa a nível rítmico, quer na desenvoltura prática quer na compreensão teórica.

Finda a descrição da minha prática no contexto turma, faço agora uma breve abordagem às atividades realizadas no e pelo Clube de Música do qual alguns alunos desta turma foram também parte integrante. A constituição do referido clube, foi uma mais-valia para o processo ensino aprendizagem dos alunos.

O trabalho de grupo é fundamental para o equilíbrio harmonioso de terminados domínios das crianças. Nada melhor que um grupo instrumental e vocal como exemplo de uma atividade englobadora de uma grande número de participantes onde todos os elementos têm papéis de igual importância. Só o todo é que funciona tal como a sociedade, é aqui que encontramos um bom exemplo dessa vivência. Toda a escola sente uma grande necessidade de ouvir soar um grupo musical nas suas atividades festivas, assim como ser representada pelo mesmo noutras instituições. A música tem como objetivo estimular e cativar crianças com horizontes futuros. Ela consiste em várias formas de estar na vida, num estado de espírito e de alma bastante *sui generis*.

É uma forma saudável de ocupação dos tempos livres, que contribui para um maior enriquecimento cultural e que permite obter contornos positivos no que diz respeito à integração do homem (criança, jovem, adolescente, adulto) na sociedade de hoje, cada vez mais exigente e mais concisa nos objetivos traçados a atingir pelos seus intervenientes. Assim, o Clube de Música tem como principais objetivos proporcionar aos alunos e a todos os elementos a ele pertencentes, momentos de boa disposição, socialização, “...a música como construção social e como cultura...” (Ministério da Educação-DEB, 2001, p.166), e acima de tudo, despertar neles o interesse pela música e pelo fazer música. Ao longo do ano letivo os alunos podem participar em atividades como interpretação de pequenas peças corais, realizar coreografias, execução de instrumentos musicais Orff e aprender a tocar instrumentos que não se exploram nas aulas de Educação Musical, como é o caso da guitarra e do cavaquinho dada a sua especificidade. O aluno vai assim criar um sentido de responsabilidade em relação a

esta causa, respeitando os colegas que com ele irão trabalhar, numa salutar relação de amizade, que permita o bom funcionamento do Clube. Refiro aqui algumas competências a desenvolver no Clube de Música:

- ✓ Sensibilizar os alunos para a importância e riqueza da expressão musical;
- ✓ Sensibilizar os alunos para a importância da expressão corporal;
- ✓ Motivar os alunos para a criatividade;
- ✓ Responsabiliza-los para a importância da convivência sócio- cultural;
- ✓ Promover o convívio entre a comunidade escolar;
- ✓ Adquirir competências no domínio da expressão musical;
- ✓ Interpretar, improvisar sozinho e em grupo (canto e instrumental), diferentes géneros e tipologias musicais;
- ✓ Adquirir prática na utilização de alguns instrumentos musicais;
- ✓ Executar mímicas e danças.

Partindo deste pressuposto, no que respeita ao Clube de Música existente na Escola EB 2,3/S de Montalegre onde era também responsável pela sua dinamização em conjunto com a minha colega de grupo foram desenvolvidas atividades, além das desenvolvidas na sala de aula, tais como: o concerto de Natal realizado na capela do Castelo de Montalegre, na comemoração do dia dos namorados, a Missa Pascal, e a Festa de final de ano.

## CONCLUSÃO

A música, enquanto forma de expressão artística, é um instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem, pelo que julgo que deve ser possibilitada e incentivado o seu uso na sala de aula, enquanto disciplina integrante do plano curricular. Na realidade, todo o trabalho desenvolvido na sala de aula com os alunos pode ser utilizado produtivamente, tendo em conta os objetivos a atingir, sempre em prol de um bom aproveitamento global das aprendizagens que o aluno vai adquirindo ao longo do seu percurso escolar, bem como do seu bem-estar físico e psicológico. E foi precisamente isto que eu pretendi concretizar ao longo das experiências de ensino-aprendizagem que pude relatar anteriormente.

No contexto do meu estágio profissional do 1º ciclo do Ensino Básico, procedi à realização de atividades motivadoras para as crianças, tais como, jogos didáticos, danças de roda, canções alusivas às datas comemorativas, momentos de audição musical promovendo o silêncio, entre outras, tendo sempre presente as orientações programáticas para o ensino da Educação Musical neste ciclo de ensino. Além disso, adotei alguns métodos de pedagogos, nomeadamente Carl Orff, entre outros, através de exercícios rítmicos utilizando os sons do corpo.

No que diz respeito ao 2º ciclo do Ensino Básico, tal como já foi referido, foram-me acreditadas competências ao nível desta formação pelo que cingi o meu relato à experiência curricular que adquiri neste nível de ensino. Dentro do cumprimento da planificação anual elaborada pelo departamento de Educação Musical, procedi ao seguimento do trabalho iniciado pelo professor da disciplina. De acordo com os temas planificados, elaborei as planificações de aula e apresentei atividades motivadoras para obtenção dos objetivos propostos, utilizando os instrumentos disponíveis na sala de aula – instrumental Orff – e a percussão corporal para a interpretação de pequenas peças.

Finalmente, compete referir as minhas experiências de ensino-aprendizagem realizadas no âmbito do 3º ciclo do Ensino Básico. Também aqui tentei sempre ir ao encontro das preferências musicais dos alunos dada a sua faixa etária, cumprindo a planificação que eu própria elaborei. Dentro do programa estabelecido para o 8º ano de escolaridade, selecionei temas musicais que julguei serem mais apelativos aos alunos, realizando, sempre que possível, aulas práticas, valorizando a prática instrumental. Era também comum a audição de músicas fazendo sempre uma análise interpretativa relativamente

ao grupo ou intérprete em questão, ao gênero musical e aos instrumentos utilizados, enriquecendo assim a sua cultura musical.

A música esteve, tal como trabalhada e descrita neste relatório, presente em todos os conteúdos, não esquecendo os seus próprios conteúdos, tendo sempre em conta o Projeto Curricular de escola. Quero com isto dizer que, a par dos conteúdos da disciplina de Educação Musical, tentei sempre que possível, estabelecer a articulação com as restantes disciplinas, dando assim o contributo musical à comunidade escolar.

Partindo das teorias apresentadas, baseei os resultados obtidos na reação dos alunos aos projetos desenvolvidos na escola, na sala de música e em atividades realizadas pelas outras áreas em que os alunos participavam com temas musicais preparados especificamente para aquela área disciplinar estabelecendo assim a interdisciplinaridade.

Quis assim demonstrar que a música em objetos de aprendizagem possui funções distintas como: decorar, motivar, descontrair, gerar um ambiente que, juntamente com a mediação do professor, favorece a aprendizagens de conteúdos musicais e/ou extra musicais. Além de domínios musicais, a música apresenta domínios extramusicais, multi-transdisciplinares e está presente em quase todos os ambientes na sociedade, com múltiplas funções. Domínios extramusicais e narrativos como motivação, estados de ânimo, afetividade, socialização, tornam-se relevantes num contexto educacional que englobe a multiculturalidade. Pode-se proporcionar uma escuta e vivência do som e da música, de maneira contextualizada, visando uma aprendizagem significativa e proporcionando situações onde o aluno seja construtor do próprio conhecimento.

Pude também constatar através da observação direta que, quer na sala de aula quer fora dela, a música desempenha na escola, um papel disciplinar, pois torna as crianças mais calmas e disciplinadas.

Com intuito de criar no aluno o gosto pela música, a minha prática pedagógica é pautada essencialmente pela prática instrumental, pela dinâmica, pela motivação, pela alegria, pela proximidade com os alunos, fazendo sempre uma cuidada seleção de estratégias e ferramentas para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, utilizando várias vezes a imaginação e as sugestões dos próprios alunos de forma a inovar e enriquecer o conhecimento e as vivências dos mesmos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alaleona, D. (1984). *História da Música - desde a antiguidade até nossos dias*. São Paulo: Ricordi.
- Araújo, R. C. (2010). Música e motivação: algumas perspectivas teóricas. *in Associação Portuguesa de Educação Musical, Boletim nº 134, 2010, pp.23-30* .
- Barker, A. (1984). *Greek Musical Writings. Vol.I: The Musician and his Art*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Benavente, A., Costa, A. F., & Machado, F. L. (Fevereiro de 1990). Práticas de Mudança e de Investigação. *Revista Crítica de Ciências Sociais nº29* . Coimbra.
- Bernet, J. T. (1998). *La educación fuera de la Escuela. Ámbitos no formales 3ª ed*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora, Lda.
- Branco, J. d. (1995). *História da Música Portuguesa, 3ª edição*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Cardoso, J. M. (2010). *História Breve da Música Ocidental*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, R. (1996). *História do Ensino em Portugal - desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar Caetano, 2º edição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ciência, M. d. (s.d.). *Decreto nº 67/80, de 20 de Agosto*.
- Costa, C. R. (1923). *O Ensino da Música em Portugal - o que é, e o que devia ser*. Lisboa: Tipografia do Comércio.

- Costa, L. N. (s.d.). *Sistema Educativo Português: caracterização e propostas para o futuro*. Lisboa: 1ª Edição.
- Crease, S. (2008). *Lições de Música - Oriente o seu filho para tocar um instrumento musical*. Lisboa : Bizâncio.
- Escudero, M. P. (1993). *Didactica Musical Activa* . Madrid: Real Musical.
- Faria, M. N. (2001). *A Música, fator importante na aprendizagem*.
- Fubini, E. (1999). *La estética musical desde la antigüedad hasta el siglo XX*. Madrid: Alianza Editorial, S.A. .
- Gainza, V. H. (1988). *Estudos de Psicopedagogia Musical. 3.ed.* S.Paulo: Summus.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: A teoria na Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gentili, R. P. (1988). *Lá musica in Grecia*. Roma: Laterza.
- Gordon, E. E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical - Competências, Conteúdos e Padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grout, D. D., & Palisca, C. V. (2001). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva.
- Morais, D. (1999). *Música no 1º Ciclo - Noesis. Nº 49; pp. 44-47*.
- Moreno, J. L. (1990). *Musicoterapia en Educacion Especial*. Murcia: Universidad de Murcia.
- Pahlen, K. (2003). *Maravilhoso Mundo da Música p.5*. Lisboa: Vega.
- Palacios, F. (1997). *ESCUCHAR - 20 reflexiones sobre música y educación musical*. Gran Canaria: Fundación Orquesta Filarmónica de Gran Canaria.
- Sá, M. d. (1997). *Segredos da Voz - Emissão e Saúde*. Mem martins: Sebenta Editora.

- Sarmento, M. H. (2007). *MP3 Música para 3º Ciclo*. Porto : Porto Editora.
- Sousa, A. B. (1979). *A Educação Pelo Movimento Expressivo - Movimento-Música-Drama*. Aveiro: Básica Editora.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação vol.3 Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sousa, M. R. (2008). *Metodologias do Ensino da Música para crianças*. Lisboa: Gailivro.
- Wuytack, J. (2008). *Curso de Pedagogia Musical 2º Grau*. Amadora: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

## **Legislação Portuguesa Consultada**

- Cultura, M. d. (s.d.). *Programa para o ano letivo 1974/1975*
- Educação, M. d. (2001a). *Currículo nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais* . Lisboa.
- Educação, M. d. (2003). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa.
- Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa.
- Ministério da Educação (2006)
- Ministério da Educação (1991). DGEBS. *Programa de Educação Musical - 5º e 6ºanos*
- .

Decreto Lei nº 67/80 de 20 de agosto de 1980

Decreto-Lei nº405/86 de 5 de dezembro de 1986

Decreto-Lei nº 286/89 de 30 de agosto de 1989

Decreto-Lei nº344/90 de 2 de novembro de 1990

Decreto-Lei nº70/93 de 10 de março de 1993

Decreto-Lei nº 48/572 de 9 de setembro de 1968

Decreto-Lei nº 47/480 de janeiro de 196

Lei nº5/73 de 25 de julho (Lei de Bases do Sistema Educativo, 1973)

Lei nº46/86 de 14 de outubro de 1986



Portaria nº10/89 de 13 de dezembro de 1989

Portaria nº23 601 de 9 de setembro de 1968

## APÊNDICES

# APÊNDICE 1 – PLANIFICAÇÕES DE AULA 1º CICLO

## Apêndice 1.A – Planificação de aula 17-03-2011

			
<b>Agrupamento Vertical Dr. Francisco Gonçalves Carneiro</b>			
<b>Escola:</b> EB1 n.º 3 – Carneiro	<b>Professora:</b> Professora Mavilde Castelo	<b>Professora Estagiária:</b> Sandra Clara Chaves Batista	
<b>Supervisor Institucional:</b> Dr. Isabel Castro	<b>Horário:</b> Quinta-feira 14h-15h	<b>Duração:</b> 45 minutos	<b>Data:</b> 17 / 03 / 2011
<b>Ano/Turma:</b> 2º B	<b>Nº alunos:</b> 20		

<b>PLANO DE AULA</b>				
<b>CONTEÚDOS</b>	<b>COMPETÊNCIAS</b>	<b>ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM</b>	<b>RECURSOS</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Timbre</b></li> <li>• <b>Canção para o Dia do Pai</b></li> <li>• <b>Expressão corporal</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar diferentes timbres (sons da natureza, animais e objectos).</li> <li>• Identificar auditivamente as vozes dos colegas.</li> <li>• Escutar de forma activa</li> <li>• Reproduzir as frases rítmico-melódicas da canção proposta</li> <li>• Interpretar a canção</li> <li>• Participar no jogo de espelho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização da turma em pequenos grupos:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cada aluno escolhe a posição do cartão e coloca-o sobre o tabuleiro do jogo</li> <li>- Os alunos identificam o som e fecham a janela correspondente.</li> </ul> </li> <li>• Audição de vários sons da natureza, animais e objectos, para os alunos tentarem identificar.</li> <li>• Contar uma história para chegar à definição de timbre.</li> <li>• Jogo da cabra-cega, para os alunos identificarem as vozes dos colegas.</li> <li>• Exploração da canção "Presente para o Pai".               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da canção</li> <li>- Aprendizagem da letra frase por frase, utilizando diversas entoações</li> <li>- Aprendizagem da melodia frase por frase</li> </ul> </li> <li>• Jogos de espelho, como exercício de relaxamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CD</li> <li>• Tabuleiro de jogo e cartões</li> <li>• História sobre o <b>Timbre</b></li> <li>• Fita ou lenço para vendar os olhos</li> <li>• Guitarra</li> <li>• Letra da canção para o Dia do Pai</li> </ul>	<p>Avaliação directa</p>

Apêndice 1.B – Planificação de aula 31-03-2011



**Agrupamento Vertical Dr. Francisco Gonçalves Carneiro**

Escola: EB1 n.º3 – Caneiro	Professora: Professora Mavilde Castelo	Professora Estagiária: Sandra Clara Chaves Batista
Supervisor Insitucional: Dr. Isabel Castro	Horário: Quinta-feira 14h45m	Duração: 45 minutos
Ano/Turma: 2º B	Nº alunos: 20	Data: 31 / 03 / 2011

PLANO DE AULA			
CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>Percussão corporal</li> <li>Canção "O teu corpo é música"</li> <li>Canção "A Primavera"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Escutar de forma activa</li> <li>Identificar os sons do corpo</li> <li>Reproduzir as frases rítmico-melódicas das canções proposta</li> <li>Interpretar as canções</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação dos sons do corpo</li> <li>Exploração dos sons do corpo</li> <li>Exploração da canção "O teu corpo é música"                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da canção</li> <li>- Aprendizagem da letra frase por frase, utilizando várias entoações</li> <li>- Aprendizagem da melodia por frases</li> <li>- Aplicação dos sons do corpo</li> </ul> </li> <li>Entoação da canção com os respectivos sons do corpo</li> <li>Audição da melodia "A Primavera"                             <ul style="list-style-type: none"> <li>-Aprendizagem da letra e melodia da canção frase por frase</li> <li>-Disposição da turma – alunos em pé distribuídos pela sala de aula.</li> <li>-Entoação da canção acompanhando com gestos de acordo com a letra.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>CD</li> <li>Letras da canções</li> <li>Guitarra</li> </ul>
			<p>Avaliação directa</p>

Apêndice 1.C – Planificação de aula 26-05-2011



**Agrupamento Vertical Dr. Francisco Gonçalves Carneiro**

<b>Escola:</b> EB1 n.º 3 – Caneiro <b>Supervisor Institucional:</b> Dr. Isabel Castro	<b>Professora:</b> Professora Mavilde Castelo	<b>Professora Estagiária:</b> Sandra Clara Chaves Batista
<b>Ano/Turma:</b> 2.º B	<b>N.º alunos:</b> 20	<b>Horário:</b> Quinta-feira 14h45m
		<b>Duração:</b> 45 minutos
		<b>Data:</b> 26 / 05 / 2011

PLANO DE AULA				
CONTEÚDOS	COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Canção para o dia mundial da criança</li> <li>• Ritmo - Pulsação</li> <li>• Expressão corporal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escutar de forma activa</li> <li>• Reproduzir as frases rítmico-melódicas da canção proposta</li> <li>• Interpretar a canção</li> <li>• Sentir a pulsação através de movimentos livres</li> <li>• Acompanhar a canção batendo a pulsação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Audição da canção</li> <li>• Exploração da canção "Ser Criança"                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da canção</li> <li>- Aprendizagem da letra por frases, utilizando diversas entoações</li> <li>- Aprendizagem da melodia por frases</li> <li>- Aplicação de gestos à canção</li> </ul> </li> <li>• Entoação da canção.</li> <li>• Acompanhamento da canção, marcando a pulsação com palmas</li> <li>• Marcar a pulsação, utilizando balões com grãos de arroz no seu interior.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CD</li> <li>• Letra da canção</li> <li>• Balões</li> <li>• Arroz</li> </ul>	Avaliação directa

## APÊNDICE 2 – PLANIFICAÇÕES DE AULA 2º CICLO

### Apêndice 2.A – Planificação de aula – sessão de estágio nº1

#### Escola EB,2,3 Paulo Quintela

##### PLANO DE AULA

**Professora estagiária:** Sandra Batista      **Ano de escolaridade:** 5º ano      **Turma:** G      **Data:** 17/03/03      **Ajuste temporal:** 90m  
**Professor Cooperante:** Eduardo Alves      **Professor Supervisor:** Isabel Castro

**Lição nº** 39/40  
**Sumário:** História da Música: idade média. Os sons Dó e Ré na pauta e na flauta. Ficha formativa. Aprendizagem de canções para a comunhão pascal.

**Unidade didáctica:** Altura – Os sons Dó e Ré. História da Música: Idade Média.

Objectivos:	Conteúdos:	Actividades	Estratégias	Recursos:	Avaliação:
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a Música da Idade Média e o seu contexto histórico;</li> <li>- Identificar auditivamente a Música da Idade Média;</li> <li>- Identificar os sons Dó e Ré na pauta e na flauta;</li> <li>- Executar os sons Dó e Ré na flauta;</li> <li>- Distinguir o Dó grave do Dó agudo;</li> <li>- Compreender a existência de espaços e linhas suplementares;</li> <li>- Definir a altura dos diferentes sons.</li> </ul> <p><b>-Alunas com necessidades educativas especiais -</b>  Marta Pires / Marta Miranda</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Executar lentamente e pausadamente os sons Dó e Ré na flauta.</li> </ul>	<p><b>História da Música:</b> Idade Média.</p> <p><b>Altura:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os sons Dó e Ré na pauta;</li> <li>- Os sons Dó e Ré na flauta;</li> </ul> <p><b>Voz:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Canções para a comunhão pascal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amostragem de acetatos alusivos à História da Música: Idade Média;</li> <li>- Audição de Cantos Gregorianos e excertos de músicas do grupo "Enigma";</li> <li>- Transcrição de alguns conceitos teóricos sobre a Música na Idade Média, para o caderno diário;</li> <li>- Amostragem de acetatos com os sons Dó e Ré na pauta e na flauta, contendo exercícios para a execução dos mesmos na flauta;</li> <li>- Resolução de uma ficha formativa para consolidação dos conhecimentos adquiridos;</li> <li>- Aprendizagem de canções para a comunhão pascal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos vão ouvir atentamente as audições propostas pela professora, relacionadas com o tema: Música na idade média;</li> <li>- As audições serão posteriormente utilizadas como música de fundo enquanto decorre a abordagem do tema;</li> <li>- Através da amostragem dos acetatos, os alunos vão compreender a existência dos novos sons Dó e Ré, identificando-os na pauta e executando-os na flauta;</li> <li>- Os alunos vão aplicar os conhecimentos adquiridos através de uma ficha formativa, proposta pela professora;</li> <li>- Os alunos ouvem atentamente a professora a entoar uma das canções para a Comunhão Pascal, que será assimilada frase por frase.</li> </ul>	<p><b>Humanos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Professoras estagiárias e alunos.</li> </ul> <p><b>Materiais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Preparação prévia da aula;</li> <li>- Quadro preto e giz;</li> <li>- Acetatos;</li> <li>- Retroprojector;</li> <li>- Tela;</li> <li>- Ficha formativa;</li> <li>- Teclado;</li> <li>- Flauta;</li> <li>- Leitor de CD e CDs;</li> </ul>	<p><b>Directa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Através do desempenho dos alunos no decorrer das actividades.</li> </ul>

**Bibliografia/Discografia**

- Música no Futuro - Editorial de *Isabel Carneiro, Odete D. Ferreira*; - Caixa de Música – Texto Editora de *Armando Costa, Jorge Abel*; - Magia da Música – Porto Editora de *Maria Helena Cabral, Mª Luisa M. De Andrade*
- CD – Las Mejores obras del Canto Gregoriano (Coro de monjes del Monasterio Benedictino de Santo Domingo de Silos) / CD - "Enigma"

Apêndice 2.B – Planificação de aula – sessão de estágio nº2

Escola EB,2,3 Paulo Quintela

PLANO DE AULA

Professora estagiária: Sandra Batista  
 Professor Cooperante: Eduardo Alves  
 Ano de escolaridade: 5º ano  
 Turma: G  
 Data: 24/03/03  
 Ajuste temporal: 90m  
 Professor Supervisor: Isabel Castro

Lição nº 41/42  
 Sessão de estágio nº 2  
 Sumário: Execução de uma peça na flauta e instrumental orff, com as notas aprendidas. Continuação da aula anterior. Aprendizagem de canções para a Comunhão Pascal.

Unidade didáctica: Altura – Os sons Dó e Ré.

Objectivos:	Conteúdos:	Actividades	Estratégias	Recursos:	Avaliação:
- Identificar os sons Dó e Ré na pauta e na flauta; - Executar os sons Dó e Ré na flauta e nos instrumentos de lâminas; - Distinguir o Dó grave do Dó agudo; - Executar uma pequena peça na flauta e instrumental orff, com todas as notas já estudadas; - Entoar as canções apresentadas para a Comunhão Pascal. -Alunos com necessidades educativas especiais - Marta Pires / Marta Miranda - Executar lentamente e pausadamente os sons Dó e Ré na flauta. - Distinguir o Dó grave do Dó agudo; - Executar na peça a apresentada, instrumentos de percussão.	<b>Altura:</b> - Os sons Dó e Ré na pauta; - Os sons Dó e Ré na flauta; <b>Interpretação:</b> - Execução das notas Dó e Ré na Flauta. - Execução de uma peça na flauta e instrumental orff – <b>Como faz o carpinteiro J.W.</b> , com as notas já estudadas. <b>Audição:</b> - Audição de três frases melódicas para distinguir e ordenar. <b>Voz:</b> - Canções para a comunhão pascal.	- Interpretação da peça na flauta e instrumental orff – <b>Como faz o carpinteiro – J.W.</b> - Continuação da resolução da ficha formativa apresentada na aula anterior; - Aprendizagem de canções para a comunhão pascal.	- A professora apresenta aos alunos a peça a ser executada, explicando a tarefa de cada um; - Os alunos vão interpretar a canção juntamente com a professora: uns na flauta, e outros tocando instrumentos de lâminas e na percussão. Para este processo a turma será dividida em grupos, tendo estes diferentes tarefas; - Na resolução da ficha da aula anterior, os alunos ouvem três frases melódicas executadas na flauta pela professora, tendo que as distinguir e ordenar; - Os alunos ouvem atentamente a professora a entoar algumas das canções para a Comunhão Pascal, que serão assimiladas frase por frase.	<b>Humanos:</b> - Professoras estagiárias e alunos. <b>Materiais:</b> - Preparação prévia da aula; - Quadro preto e giz; - Flauta; - Ficha informativa; - Instrumental orff; - Ficha formativa; - Teclado.	<b>Directa:</b> - Através do desempenho dos alunos no decorrer das actividades. - Ficha formativa.

**Bibliografia/Discografia**  
 - Curso de Pedagogia Musical – 2º grau de Jos Wuytack.

Apêndice 2.C – Planificação de aula – sessão de estágio nº3

Escola EB,2,3 Paulo Quintela

PLANO DE AULA

Professora Estagiária: Sandra Batista      Ano de escolaridade: 5º ano      Turma: G      Data: 05/05/03      Ajuste temporal: 90m  
 Professor Cooperante: Eduardo Alves      Professor Supervisor: Isabel Castro

Lição nº 49/50      Sessão de estágio nº 3

Sumário: Melodia e Harmonia. Aprendizagem da canção para a actividade de final de ano: "Festa da música".

Unidade didáctica: Melodia e Harmonia.

Objectivos:	Conteúdos:	Actividades	Estratégias	Recursos:	Avaliação:
- Compreender os conceitos de Melodia e Harmonia; - Identificar graficamente Melodia e Harmonia; - Distinguir auditivamente Melodia e Harmonia; - Tocar com a técnica correcta, os diferentes instrumentos: flautas, lâminas e percussão;  -Alunos com necessidades educativas especiais - Marta Pires / Marta Miranda - Identificar graficamente Melodia e Harmonia; - Compreender os conceitos de Melodia e Harmonia; - Transcrever os conceitos de Melodia e Harmonia para o caderno diário; - Executar na peça apresentada, instrumentos de percussão.	<b>Altura:</b> - Melodia e Harmonia.  <b>Interpretação:</b> - Execução da peça apresentada para a "Festa da música", com flautas, lâminas e percussão.	- Amostragem de acetatos com a explicação e representação gráfica dos conceitos teóricos Melodia e Harmonia; - Transcrição dos conceitos de Melodia e Harmonia para o caderno diário; - Interpretação de uma melodia para flauta de bisel (peça de final de ano); - Interpretação uma melodia para xilofones e metalofone (peça de final de ano); - Interpretação de uma melodia para percussão (peça de final de ano);	- Através da amostragem de um acetato, os alunos vão compreender e distinguir graficamente Melodia e Harmonia; - A professora apresenta aos alunos a peça a ser executada, explicando a tarefa de cada um; - Após a apresentação da peça, a professora mostra alguns exemplos de Melodia e Harmonia presentes na mesma, para melhor compreensão dos conceitos; - Os alunos vão interpretar a peça com a ajuda da professora: uns na flauta, outros nos instrumentos de lâminas e percussão. Para este processo a turma será dividida em grupos, tendo estes diferentes tarefas.	<b>Humanos:</b> - Professoras estagiárias e alunos.  <b>Materiais:</b> - Preparação prévia da aula; - Quadro preto e giz; - Retroprojector; - Tela; - Acetatos; - Flauta; - Instrumental orff; - Ficha informativa (peça de final de ano).	<b>Directa:</b> - Através do desempenho dos alunos no decorrer das actividades.

**Bibliografia/Discografia**  
 - Magia da Música - 5º/6º ano de Maria Helena Cabral e Maria Luísa M. Andrade da Porto Editora. - Caixa de Música - 5º ano de Armando Costa e Jorge Abel.

## APÊNDICE 3 – ACETATOS - IDADE MÉDIA

### Escola EB, 2,3 Paulo Quintela

#### História da Música - Idade Média - 500 . 1450



Fig.1

A importância da Música nos vários aspectos da evolução das civilizações é notória. Já nesta época se exaltavam os feitos da guerra, como nos é possível ver nesta representação em baixo-relevo, com um cortejo de músicos, celebrando a vitória numa batalha.

- O homem chegou à música e à dança ainda antes de saber utilizar a Linguagem das palavras.

Desde sempre, deve ter sentido que havia algo de muito poderoso nos sons e nos ritmos, talvez algo de mágico. Mas, mesmo sem pensarmos em artes mágicas, todos nós temos a tendência para decorar coisas difíceis, repetindo-as em voz alta e ritmando as palavras.

Não foi por acaso que os guerreiros começaram a marchar ao som de tambores – o martelar obstinado desses ritmos incentivava-os a arriscar a vida e até a perder o medo.

- A Música esteve também, desde cedo, ligada a práticas religiosas, o que está bem patente na História da Música Ocidental, quando surgiu, na Idade Média, o chamado cantochão (ou canto gregoriano, assim chamado por ter sido compilado pelo papa Gregório VII).



Fig.2 – Papa S. Gregório anotando música como se fosse ditada para uma pauta.



Fig.3 – O papa Gregório a quem devemos o canto Gregoriano.

- Essa primeira grande música da civilização ocidental não era considerada uma arte, mas antes uma forma de oração. Era cantada a uma só voz (monodia), o que não significa que não pudesse ser cantada por várias pessoas ao mesmo tempo, desde que cantassem todas a mesma melodia.

Acontece que nem todas as pessoas têm o mesmo tipo de voz: os homens, em princípio, têm a voz mais grave do que as mulheres. E assim, instintivamente, as pessoas de voz mais aguda começaram a cantar a mesma melodia em alturas diferentes.



Fig.4 – Pintura de paolo Veneziano, representando um grupo de anjos, usando a música como meio de glorificar Deus.



Fig.5 – Cena de músicos num vaso grego de cerâmica.

# APÊNDICE 4 – ACETATOS – AS NOTAS DÓ GRAVE E RÉ GRAVE

## Escola E,B 2,3 Paulo Quintela

### Os sons Ré e Dó Primeiro Espaço e Linha Suplementares

Vais ficar a conhecer duas novas notas musicais: o **Ré** e o **Dó** (grave).

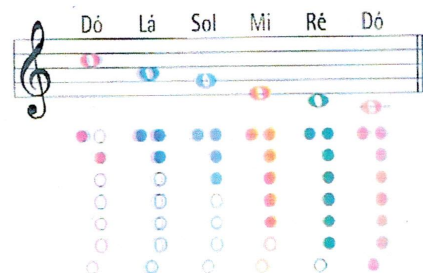
Como podes observar, estes dois sons, colocam-se fora da pauta. O **Ré** fica no primeiro espaço suplementar inferior e o **Dó** na primeira linha suplementar inferior.



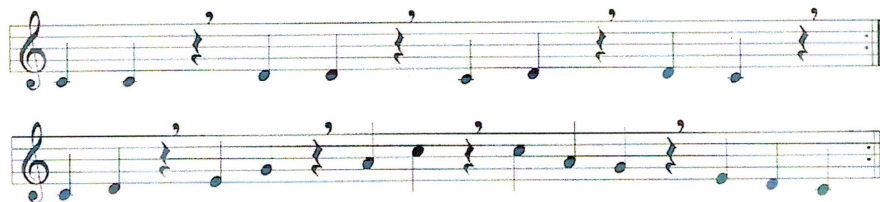
Na pauta



Na flauta



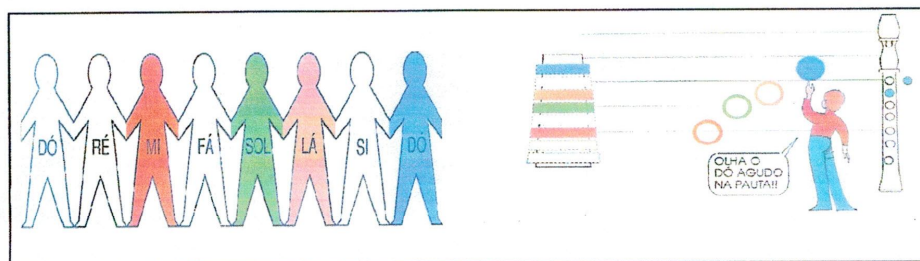
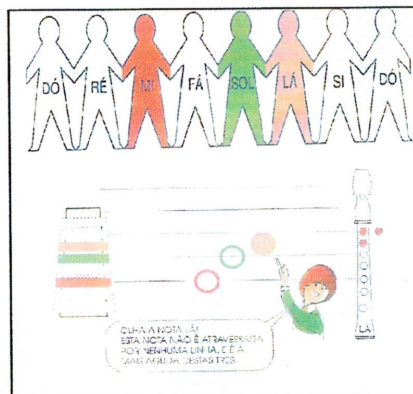
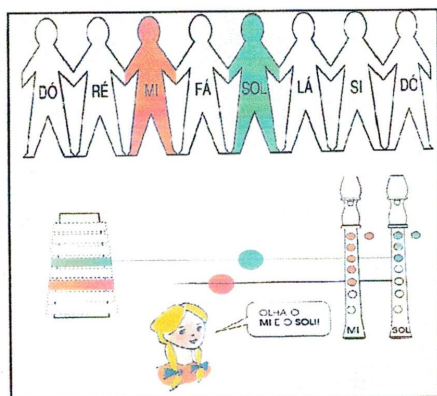
#### □ Exercício



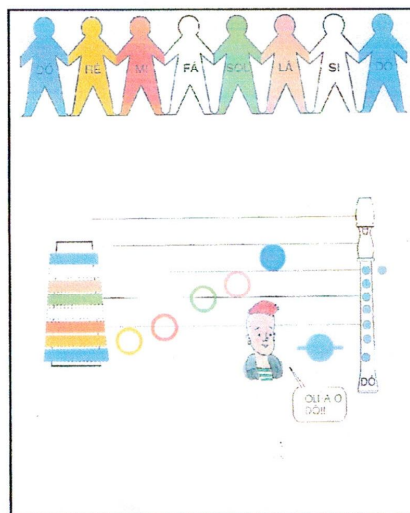
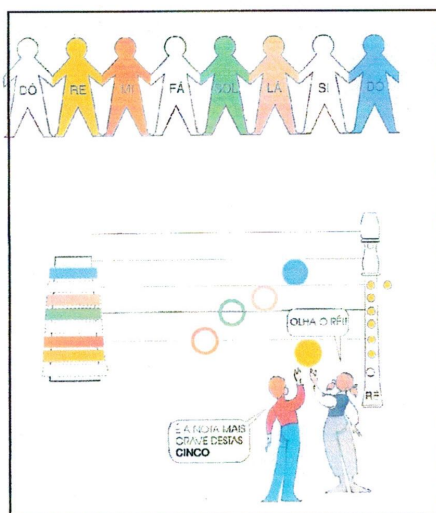
Sandra Batista

# Escola E,B 2,3 Paulo Quintela

## □ Sons que já conheces



## □ Os sons Ré e Dó



Sandra Batista

# APÊNDICE 5 – PARTITURA DA CANÇÃO “COMO FAZ O CARPINTEIRO DE JOS WYTACK

Arra: Sandra Batista

Escola EB 2,3 Paulo Quintela

Musical score for Percussão, Professor, Flauta, and X+M. The score is in 2/4 time and consists of four staves. The Percussão staff uses a drumstick icon and contains a sequence of quarter notes with rests. The Professor staff is in treble clef and contains a sequence of eighth and quarter notes. The Flauta and X+M staves are also in treble clef and contain a sequence of quarter notes with rests.

Musical score for Perc., Prof., FL, and X+M. The score is in 2/4 time and consists of four staves. The Perc. staff starts with a measure number '5' and contains a sequence of quarter notes with rests. The Prof. staff is in treble clef and contains a sequence of eighth and quarter notes. The FL and X+M staves are also in treble clef and contain a sequence of quarter notes with rests.

Sandra Batista

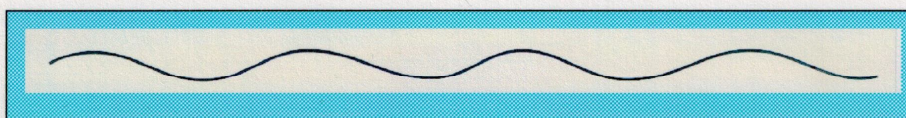
## APÊNDICE 6 – ACETATOS – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO CONTEÚDOS MELODIA E HARMONIA

*Escola EB 2,3 Paulo Quintela*

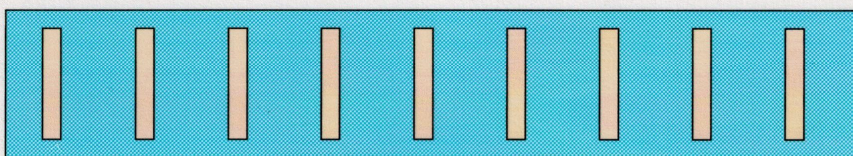
### Melodia e Harmonia

□ A **melodia** é uma série de sons sucessivos (um de cada vez), variáveis em altura e que nos transmite uma ideia musical, tendo por isso um papel muito importante numa composição.

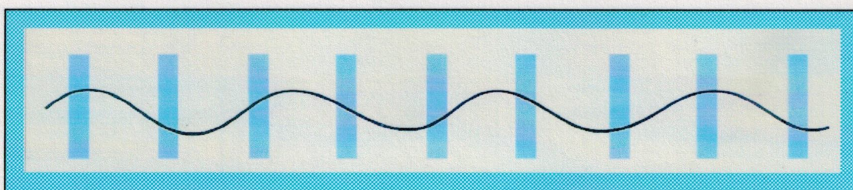
A **melodia** é a parte cantante, aquela que tu consegues assobiar ou trautear (cantar em lá, lá, lá...), no fundo é aquilo que o nosso ouvido mais depressa regista. Na **melodia**, nunca há sobreposição de sons. Graficamente, representamos a **melodia** por uma linha horizontal.



□ **Harmonia** é a sobreposição de duas notas (tocadas ao mesmo tempo). Quando se cantam ou tocam ao mesmo tempo pelo menos dois sons diferentes em altura, existe **harmonia**. Podemos concluir que, a **harmonia** é o acompanhamento de uma melodia. A **harmonia** é representada por linhas verticais.



□ **Melodia com acompanhamento harmónico**



*Sandra Batista*

## APÊNDICE 7 – PARTITURA DA CANÇÃO “OUVI UM SEGREDO”

### Escola EB 2,3 Paulo Quintela "Ouvi um segredo"

Sandra Batista

Piano

8

Pno

15

Pno

Lembro-me que um dia,  
Ouvi um segredo.  
Fiquei irritado,  
Segredo é sagrado.

Eu fiquei sem culpas,  
Pois foi sem querer.  
Não podia ouvir,  
Mas quero dizer.

Segredo é profundo  
E o que eu ouvi foi:  
Que nós as crianças,  
Somos o melhor do mundo.

## APÊNDICE 8 – PLANIFICAÇÃO ANUAL DO 8º ANO

**ESCOLA EB 2,3/SEC. DR. BENTO DA CRUZ**  
**EDUCAÇÃO MUSICAL – 8º Ano**  
**2007/2008**

COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	CONTEÚDOS	AVALIAÇÃO	AULAS
<p><b>- Culturas musicais nos contextos</b> Realiza investigações acerca dos músicos e das instituições musicais nos seus contextos.</p> <p>Investiga diferentes contributos da música nas sociedades contemporâneas.</p> <p>Descreve, analisa e compara diferentes tipologias musicais, estilos e géneros em relação aos diferentes contextos sociais.</p> <p><b>- Interpretação e comunicação</b> Prepara, ensaia, dirige e avalia interpretações individuais e em grupo de diferentes peças, géneros e estilos musicais de acordo com as intenções dos autores.</p> <p>Ensaia e apresenta publicamente interpretações individuais e em grupo de peças musicais de géneros e formas contrastantes de acordo com as intenções e características próprias de cada autor, estilo e género.</p> <p>Propõe diferentes tipos de interpretações para uma mesma peça musical utilizando vocabulário apropriado e argumentação técnica e artística.</p> <p><b>- Criação e experimentação</b> Manipula conceitos, códigos e técnicas instrumentais e vocais.</p>	<p><b>Pop e Rock</b> <i>(Em torno dos estilos musicais)</i></p> <p><b>Músicas do Mundo</b> <i>(Explorando outros códigos e convenções)</i></p> <p><b>Improvisações</b> <i>(Exploração da improvisação musical)</i></p> <p><b>Melodias e arranjos</b> <i>(Em torno da canção)</i></p> <p><b>Música e Multimédia</b> <i>(As diferentes utilizações dos materiais sonoros e musicais)</i></p> <p><b>Música e Tecnologias</b> <i>(Manipulando sons acústicos e electrónicos)</i></p> <p><b>Sons e sentidos</b> <i>(Processos de criação musical)</i></p>	<p>Preparar, apresentar e avaliar peças musicais diferenciadas;</p> <p>Utilizar diferentes conceitos e códigos para a criação de pequenas peças musicais;</p> <p>Reconhecer um âmbito de padrões, estruturas, efeitos e qualidades dos sons;</p> <p>Transcrever e tocar de ouvido diferentes peças musicais com estilos diferenciados;</p> <p>Identificar e comparar instrumentos, estilos e géneros musicais.</p> <p>Testes</p> <p>Fichas de Trabalho</p>	<p><b>26</b> <b>(13x2)</b></p> <p><b>20</b> <b>(10x2)</b></p> <p><b>24</b> <b>(12x2)</b></p>

Sandra Batista

## **ANEXOS**

# Anexo 1 – Letra da canção “O Teu Corpo é Música”

## Sons do Corpo – Percussão Corporal



### O Teu Corpo é Música



Refrão:

Tu ainda não sabes, mas vais descobrir  
Que o teu corpo é música e ele vai-te divertir. } bis

Bato as mãos , assim   
Quando bato o ouço um som que sai de mim   
Bato as mãos , assim   
Quando bato a brincadeira não tem fim

Refrão:

Bato os pés , assim (...)

Refrão:

Bato as pernas , assim (...)

Refrão:

Estalo os dedos , assim (...)

Refrão:

### Percussão Corporal



Estalinhos



Palmas

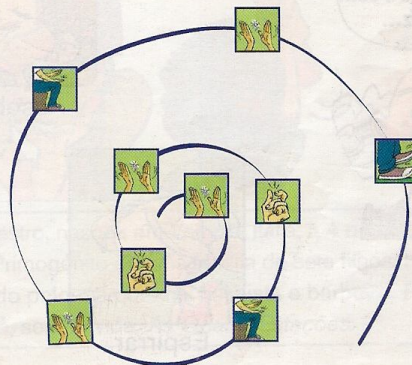


Pernas



Pés

### O Caracol de Sons e Silêncio I



## Anexo 2 – Partitura da canção “A Primavera”

### A Primavera

Trad. Inglesa - 1ª parte  
Letra: Artur Fernandes

✓

A Primavera dança no ar, os passarinhos querem cantar. Peço aos me-  
ninos muita aten-ção, que aos passarinhos vão imi-tar. Ó Primavera minha ale-  
gria, olha p'ra mim, voar, voar, levo beijinhos aos amiguinhos, que a Primavera mandou levar.

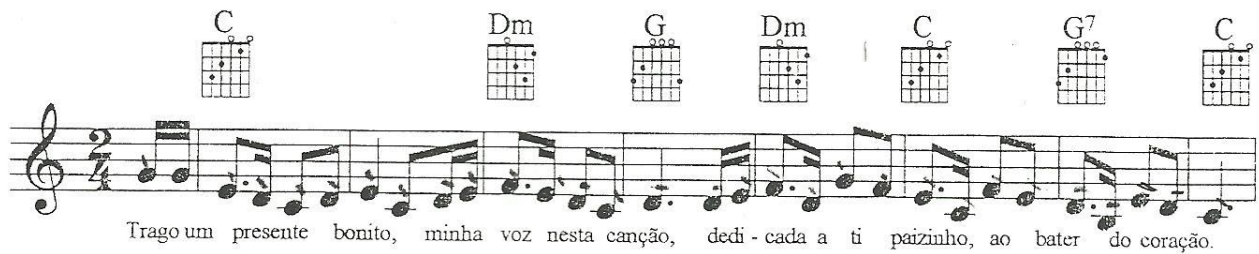
The musical score is written on three staves in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The melody consists of quarter and eighth notes. Above the notes, guitar chords are indicated: G, Am, D7, G, Am, D7, G, Am, D, G, Am, D7, G.

### Anexo 3 – Partitura da canção “Pois, Tu és o Capitão”

Pois tu és um capitão

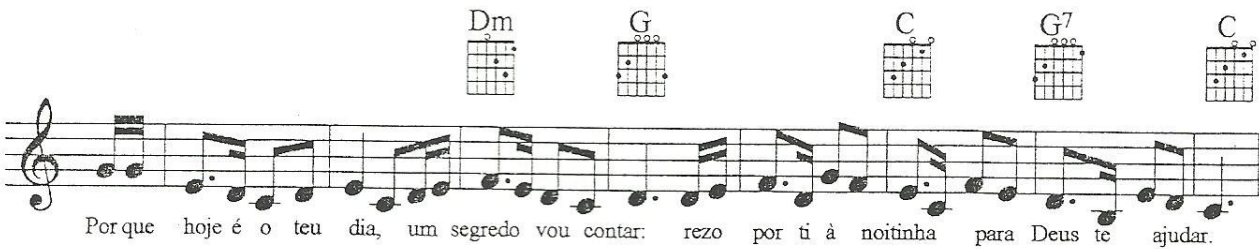
Artur Fernandes

C Dm G Dm C G7 C



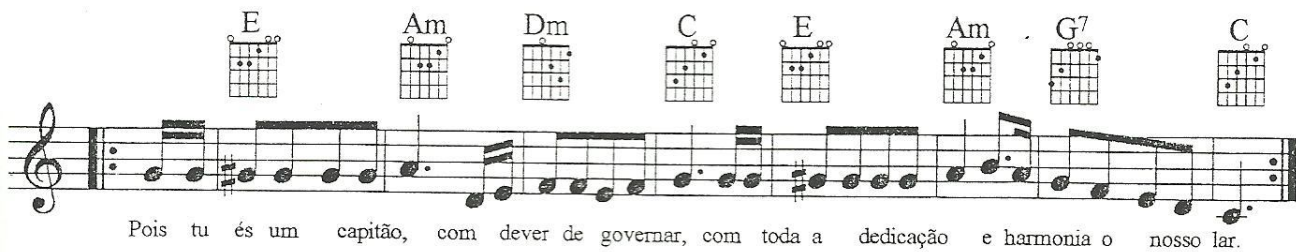
Trago um presente bonito, minha voz nesta canção, dedi - cada a ti paizinho, ao bater do coração.

Dm G C G7 C



Porque hoje é o teu dia, um segredo vou contar: rezo por ti à noitinha para Deus te ajudar.

E Am Dm C E Am G7 C



Pois tu és um capitão, com dever de governar, com toda a dedicação e harmonia o nosso lar.

## Anexo 4 – Partitura da canção “Ser criança”



### Ser Criança

A cri - an - ça de-ve ter o seu lar pa - ra vi - ver  
Ter a - mi - gos e brin-car a-pren-der a es-tu - dar.  
A cri - an - ça de-ve te - r a-le-gri-a pa-ra vi-ver.  
U - ma es-co-la pa - ra a-pren-der e tu-do mais que pos-sa que-rer.  
Ser cri - an - ça é ser fe - liz e tam-bém um bom pe - tiz.  
Ter a - mor no co-ra-ção e su - bir num gran-de ba - lão.

Ser criança é sorrir  
A alguém que não sabe rir.  
É trazer felicidade  
Para toda a humanidade

Uma criança pode ser  
Um novo amigo a valer.  
Ter alegria e emoção  
Para cantar esta canção.

#### Refrão

Ser criança é ser feliz  
E também um bom petiz.  
Ter amor no coração  
E subir num grande balão.

## Anexo 5 – Planificação anual de 5º ano

**Escola EB 2,3 Paulo Quintela**  
Planificação anual 2002/2003

<b>CONTEÚDOS - 5º ANO</b>					
NÍVEIS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA
<b>I</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fontes sonoras - não convencionais e convencionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fortíssimo (ff)</li> <li>➤ Pianíssimo (pp)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Altura indefinida e definida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Pulsação</li> <li>➤ Tempo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Organizações elementares</li> </ul>
<b>II</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Contraste e semelhança tímbrica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Crescendo e diminuendo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Registos: Agudo Médio Grave</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Andamentos: <i>rápido, moderato, lento, accelerando e ritardando</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Elementos repetitivos</li> </ul>
<b>III</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Família de timbres</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Forte</li> <li>➤ Mezzo Forte</li> <li>➤ Piano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Linhas sonoras: ascendentes e descendentes, ondulatórias, contínuas e descontínuas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sons e silêncio organizados com a pulsação.</li> <li>➤ O contratempo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ostinato</li> </ul>
<b>IV</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Mistura tímbrica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Organização dos elementos dinâmicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Combinação de linhas horizontais e verticais</li> <li>➤ Agregados sonoros</li> <li>➤ Textura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Dois sons e silêncios de igual duração numa pulsação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Imitação</li> <li>➤ Cânone</li> </ul>
<b>V</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Combinação de timbres</li> </ul>				
<b>VI</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ataque, corpo e queda do som (Perfil sonoro)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Escalas modais</li> <li>➤ Melodia</li> <li>➤ Harmonia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sons e silêncios em três pulsações</li> <li>➤ Organização binária e ternária</li> <li>➤ Compasso</li> <li>➤ Anacrusa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Forma binária (AB) e ternária (ABA)</li> </ul>

## Anexo 6 – Partitura e letra da canção “O Homem do Leme”



CD P1	CD A1	Nome
Faixa 18		Homem do leme – Xutos & Pontapés
Faixa 19	Faixa 2	Homem do leme – Arr. de Nuno Guimarães

### HOMEM DO LEME

Xutos & Pontapés  
Arr. de Nuno Guimarães

Flauta  
e/ou  
voz

6

11

15

20

26

32

37

42

## Anexo 7 – Partitura da canção “Jimba Papalusjka”

### Introdução



Escuta!

### “Jimba Jimba”

SECÇÃO A

Tradicional

Moderato ♩ = 92

Voz

Jim-ba Jim-ba Jim ba Pa palusj -ka Jim - ba Jim - ba Jimba Papa gai

XB e XC

Tra la la la la la la Jimba Papa lusj -ka Tra la la la la la la Jim ba Pa pa gai

SECÇÃO B (CONTRASTANTE)

repete-se 4 vezes

interpreta, cantando e tocando, a **Forma A B**  
 descreve as diferenças que determinam o contraste entre as secções.

1  
 Ao ouvir a gravação, notei  
 que o ostinato harmónico se ouve  
 2 vezes, antes da secção A.

2  
 Pois! É a INTRODUÇÃO!



Forma | Repetição e Contraste de Secções; Introdução

As diferenças fundamentais entre as secções A e B que os alunos vão descobrir são as seguintes:

Fontes sonoras de altura definida na secção A e indefinida na secção B;

A melodia na secção A tem as frases organizadas na forma **aabb**, enquanto que a secção B tem uma só frase rítmica que se repete 4 vezes **aaaa**;

Há também uma particularidade importante na secção A que é o facto da melodia ser acompanhada por um bordão harmónico. O professor tem ainda a possibilidade de criar uma actividade para reforçar o conceito de contraste entre duas secções A e B, propondo aos alunos a realização de uma dança que podem interpretar de duas maneiras diferentes e contrastantes, divididos em dois grupos:

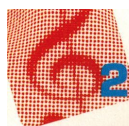
Um dos grupos toca e o outro dança e canta.

Na secção A realizam a coreografia já aprendida atrás.

Na secção B (a parte rítmica) os alunos vão improvisar movimentos ou em conjunto ou dois alunos de cada vez, enquanto os colegas batem palmas.

O professor organizará a forma da música/dança, de maneira a dar oportunidade a que vários grupos de alunos improvisem os movimentos.

## Anexo 8 –Partitura da canção “Cidade Maravilhosa”



MÚSICAS DO MUNDO



CD P2	CD A1	Nome
Faixa 8		Cidade Maravilhosa – André Filho
Faixa 9	Faixa 14	Cidade Maravilhosa – Arr. de Nuno Guimarães

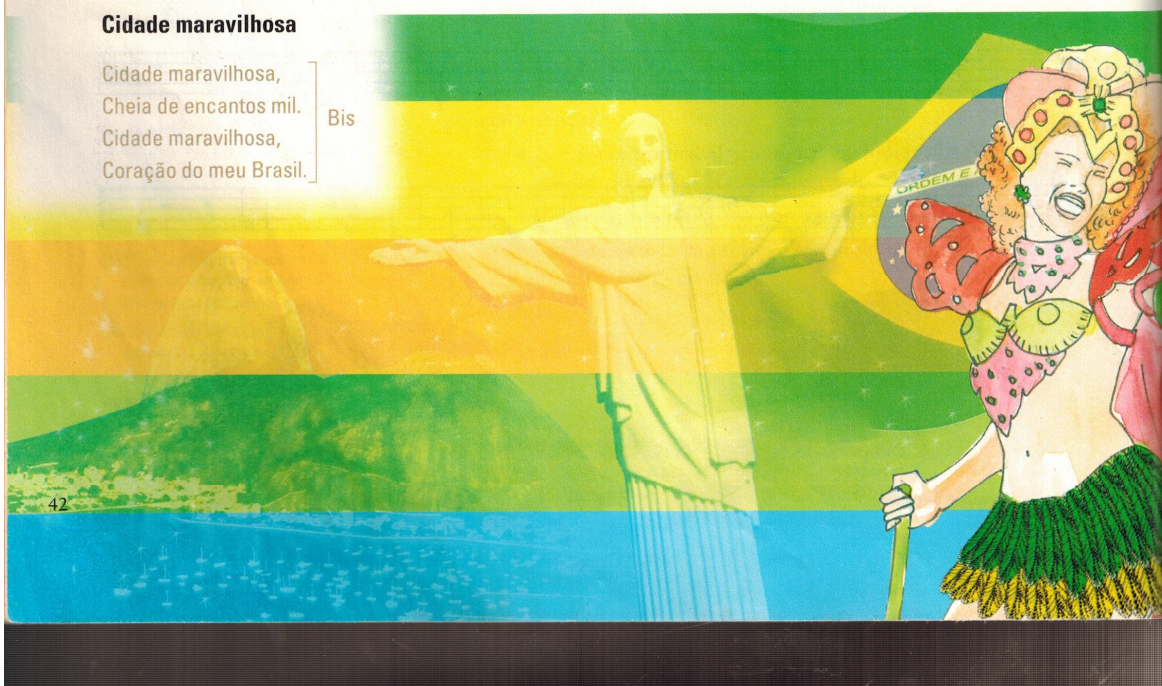
### CIDADE MARAVILHOSA

André Filho  
Arr. de Nuno Guimarães

Flauta  
e/ou voz

### Cidade maravilhosa

Cidade maravilhosa,  
Cheia de encantos mil. Bis  
Cidade maravilhosa,  
Coração do meu Brasil.



## Anexo 9 –Partitura da canção “Que siga la fiesta”

38

Guia do Professor

# Músicas do Mundo

38

3



Que siga la fiesta

A parte dos xilofones pode ser tocada apenas por um aluno mas, para imitar as marimbas, a interpretação pode ser feita por dois alunos no mesmo xilofone. Neste caso, um aluno toca as notas que têm as hastes para cima e outro toca as restantes.



La Raspa

Posição inicial: formam-se duas rodas concêntricas. Os rapazes na roda interior e as raparigas na exterior. Os pares ficam frente a frente e dão as duas mãos. A posição inicial pressupõe, também, que os pares tenham os seus ombros esquerdos próximos.

### Os passos do primeiro tema

1.º compasso: saltam ambos, deslizando o pé direito para a frente (compasso binário), apoiando o calcanhar;

2.º compasso: saltam ambos, deslizando o pé esquerdo para a frente, apoiando o calcanhar;

3.º e 4.º compassos: saltam ambos, deslizando o pé direito, depois o esquerdo e, finalmente, o direito para a frente, fazendo uma pausa no último tempo; seguidamente repetir este mesmo padrão.

### Os passos do segundo tema

Todos os pares dão os braços direitos, levantam a mão esquerda e, de braço dado, rodam durante oito passos dentro do andamento da música, batendo as palmas no oitavo passo.

De seguida, repetem o passo anterior, dando os braços esquerdos e levantando o braço direito.

Para além dos *mariachi* encontramos também, com muita frequência, grupos de tocadores de marimba, um idiofone muito popular no México que é tocado por três ou mais instrumentistas. A origem deste instrumento no México não é clara. Um instrumento semelhante à marimba poderá ter aparecido na América Latina numa época pré-colombiana ou então ter sido introduzida pelos escravos africanos séculos depois. A marimba desenvolveu-se através da adição de um segundo teclado cromático em 1894.



Marimba



Audição



Interpretação

### Que siga la fiesta

Orquestra de marimbas  
Reyna Tuxtleca

Xilofones

Al Segno

– Toca nos xilofones os acordes da partitura, acompanhando a audição



Observação



Movimento

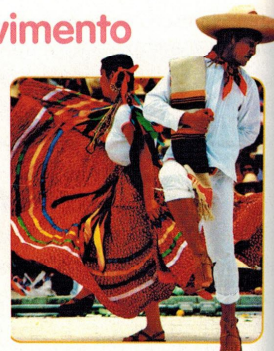
– Observa e dança La Raspa



La Raspa

### Curiosidades

Rimba ou limba significa uma única nota do xilofone para os Bantu, em África. Marimba ou malimba deriva da adição do prefixo bantu “ma” que significa “muitas”. Assim, a palavra marimba significa muitas notas, ou seja, o instrumento na sua totalidade.



La Raspa



Pesquisa

Para saberes mais sobre os instrumentos do México e ouvires outras músicas mexicanas, consulta <http://www.loscentzontles.com/overview.html>

# Anexo 10 – Partitura da canção “Country Roads”

EXPLORANDO OUTROS CÓDIGOS E CONVENÇÕES



CD P2	CD A1	Nome
Faixa 12		Country roads – Música tradicional dos EUA
Faixa 13	Faixa 16	Country roads – Arr. de Nuno Guimarães

## COUNTRY ROADS

Música tradicional dos EUA  
Arr. de Nuno Guimarães

Flauta

4

9

16

22

28

34

40

48

16

# Anexo 11 –Partitura e letra da canção “The Scientist”



CD P4	CD A2	Nome
Faixa 1		The scientist - Coldplay
Faixa 2	Faixa 8	The scientist (versão com piano) - Arranjo de Nuno Guimarães
Faixa 3	Faixa 9	The scientist (versão com orquestra) - Arranjo de Nuno Guimarães

## THE SCIENTIST

Coldplay  
Arr. de Nuno Guimarães

Flauta

8 Ré m Sib Fá

12 Fá 9 Ré m Sib Fá

16 Fá 9 Ré m Sib Fá

20 Fá 9 Ré m Sib Fá

24 Fá 9 Sib Fá

28 Fá 9 Sib Fá

32 Fá 9 Ré m Dó Dó 7 Fá

